



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

**A GÊNESE DO MAL
O PATRIARCADO NORTE-AMERICANO E A PSICOPATOLOGIZAÇÃO DOS HOMENS
NOS CASOS DE JOHN WAYNE GACY, TED BUNDY E JEFFREY DAHMER**

**BRENDA TRABAÇO DA CUNHA
VASCONCELOS**

Foz do Iguaçu

2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

**A GÊNESE DO MAL
O PATRIARCADO NORTE-AMERICANO E A PSICOPATOLOGIZAÇÃO DOS HOMENS
NOS CASOS DE JOHN WAYNE GACY, TED BUNDY E JEFFREY DAHMER**

**BRENDA TRABAÇO DA CUNHA
VASCONCELOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia: Sociedade, Estado e Política na América Latina.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Élen Cristiane Schneider

Foz do Iguaçu

2024

BRENDA TRABAÇO DA CUNHA VASCONCELOS

A GÊNESE DO MAL
O PATRIARCADO NORTE-AMERICANO E A PSICOPATOLOGIZAÇÃO DOS HOMENS
NOS CASOS DE JOHN WAYNE GACY, TED BUNDY E JEFFREY DAHMER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia: Sociedade, Estado e Política na América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Élen Cristiane Schneider
UNILA

Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira
UNILA

Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Teixeira Delgado
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho às mulheres mais fortes que já conheci: primeiramente à minha mãe, quem sempre me incentivou a seguir carreira acadêmica, à minha avó quem sempre me ensinou a lutar pelo justo, à minha melhor amiga Marcelly quem me acompanhou durante toda minha trajetória acadêmica, a mim mesma por não me permitir desistir e finalmente ao meu mais belo presente...minha namorada Kamila, quem colore meus dias e me desperta o mais profundo desejo de conquistar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha mais profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Em primeiro lugar, quero agradecer a pessoa que sempre terá um lugar especial em minha vida, minha melhor amiga Marcelly. Nenhuma palavra será suficiente para te dizer o quanto agradeço por todo apoio e incentivo ao longo desses cinco anos. Nossas viagens, nossas risadas, sua companhia, história de vida e exemplo de determinação foram fontes de inspiração que me impulsionaram a superar os desafios e evoluir constantemente. Obrigada por sempre estar presente e pendente de mim, obrigada por não me deixar desistir e fazer o impossível para que chegássemos até aqui juntas e unidas. obrigada por abrir as portas da sua família e me acolher como mais um membro dela, graças a você tenho uma mãe a mais, irmãos, avós, tios e sobrinhos que me querem e me cuidam mesmo de longe, obrigada por alimentar minha alma e espírito com sua irmandade. Muito obrigada por tudo, sem você, sei que nada disso teria sido possível.

Quero agradecer também à minha namorada, Kamila. Seu amor, sua dedicação constante, seu incentivo e apoio foram fundamentais durante os momentos finais deste projeto. Obrigado por seu carinho e cuidado, por estar ao meu lado e demonstrar orgulho mesmo nos momentos mais desafiadores. Obrigada por me devolver minha inspiração diária e por me fazer acreditar que tudo é possível, sua determinação, felicidade e alegria preenchem o meu coração, sou grata por ter encontrado o amor que sempre sonhei e por ter trazido com ele tantos momentos inesquecíveis, essa etapa não seria completa sem você. Suas palavras de força e acolhimento tornaram essa jornada muito mais fácil. Te amo imensamente.

Também desejo agradecer à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Élen Cristiane Schneider, pelo seu inestimável apoio, por ser minha fonte de inspiração diária, ainda que não estivesse presente, pela orientação e ideias ao longo de todo o processo de elaboração deste trabalho. Seu compromisso com a excelência acadêmica e sua disposição para me guiar em cada etapa foram cruciais para o sucesso deste projeto.

Gostaria também de estender meus sinceros agradecimentos aos professores que generosamente dedicaram seu tempo para revisar e fornecer um feedback construtivo sobre este trabalho.

Às minhas amigadas cultivadas ao longo desses anos, Thiago, Alexis, Amanda e Mari, Fabi e muitos outros (a lista é muito longa, graças a Exu), obrigada pelos melhores momentos que um ser humano pode experimentar.

À minha mãe, cujo apoio inabalável e encorajamento constantes foram pilares essenciais ao longo da minha trajetória acadêmica. Seu amor, compreensão e incentivo foram a força motriz por trás das minhas conquistas.

Por fim, à minha espiritualidade, aos meus guias e guardiões que me protegem e trouxeram até aqui. Kaô Kabecilê meu pai Xangô, senhor da minha vida, quem me guia pelo caminho da justiça. Ogunhê meu pai, Patakori Ogun! Salve as forças de Ogun, meu pai guerreiro que me ensina todos os dias a vencer as batalhas da vida. Ora yeyê ô à minha mãezinha, salve as forças de Oxum, rainha das águas doces que me ensina que a paciência, o amor e a mansidão são os pilares mais importantes para conquistarmos os nossos objetivos, aquela que venceu uma guerra calada, me trouxe até aqui através do cultivo do amor e da paciência. Motumbá!

Não posso esquecer de expressar minha gratidão à instituição, UNILA, que me proporcionou experiências enriquecedoras e a oportunidade de conhecer diferentes culturas. Obrigada por todas as alegrias e aprendizados ao longo dessa graduação.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e colaboração de todos vocês. Estou sinceramente grata por fazer parte de uma comunidade tão solidária e comprometida com a busca pelo conhecimento.

Muito obrigada a todos!

*Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é
ainda vai nos levar além.*

Paulo Leminski

RESUMO

O presente estudo acadêmico aborda a relação entre o sistema patriarcal norte-americano e os casos de três assassinos em série entre os anos de 1970 e 1990: John Wayne Gacy, Ted Bundy e Jeffrey Dahmer. O texto destaca a influência da perspectiva cis-heteronormativa na construção de comportamentos, papéis de gênero e normas sociais, historicamente moldadas pela visão do homem cisgênero e heterossexual. Os assassinos em série selecionados apresentam diferentes perfis, mas compartilham o histórico de violência, transtornos psicológicos e a escolha de vítimas específicas. O estudo visa analisar como o sistema patriarcal, combinado com repressão sexual e de gênero, contribuiu para o desenvolvimento de transtornos psicopatológicos nesses indivíduos e influenciou a seleção de suas vítimas. Os objetivos do estudo incluem compreender a estrutura do sistema patriarcal norte-americano, explorar o desenvolvimento das psicopatologias nos assassinos, analisar a relação entre dispositivos de gênero e transtornos psíquicos, e investigar como a repressão sexual e de gênero afetou a escolha das vítimas. Esses objetivos estabelecem um roteiro nítido para a pesquisa, visando contribuir para o entendimento do feminicídio e crimes de ódio contra a população LGBTQ+. A hipótese central propõe que o sistema patriarcal, por meio de repressão sexual e de gênero, influenciou o desenvolvimento de transtornos psicopatológicos nos assassinos e contribuiu para a natureza feminicida e homofóbica de seus crimes. A metodologia empregada é qualitativa, baseada na análise do discurso, utilizando como material algumas das falas de cada um dos assassinos estudados durante seus respectivos interrogatórios bem como análises bibliográficas de profissionais que se dedicaram a estudar sobre a vida de cada um deles, tendo como embasamento teórico os estudos de Michel Foucault, destacando a importância de examinar a linguagem como uma prática socialmente situada. Esse trabalho acadêmico oferece uma abordagem interdisciplinar, incorporando conceitos de psicologia, estudos de gênero, sociologia e análise do discurso, proporcionando uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados.

Palavras-chave: psicopatologia; gênero; serial killer; repressão sexual; patriarcado.

RESUMEN

El presente estudio académico aborda la relación entre el sistema patriarcal estadounidense y los casos de tres asesinos en serie entre los años 1970 y 1990: John Wayne Gacy, Ted Bundy y Jeffrey Dahmer. El texto destaca la influencia de la perspectiva cis-heteronormativa en la construcción de comportamientos, roles de género y normas sociales, históricamente moldeadas por la visión del hombre cisgénero y heterosexual. Los asesinos en serie seleccionados presentan perfiles diferentes, pero comparten un historial de violencia, trastornos psicológicos y la elección de víctimas específicas. El estudio busca analizar cómo el sistema patriarcal, combinado con la represión sexual y de género, contribuyó al desarrollo de trastornos psicopatológicos en estos individuos e influyó en la selección de sus víctimas. Los objetivos del estudio incluyen comprender la estructura del sistema patriarcal estadounidense, explorar el desarrollo de las psicopatologías en los asesinos, analizar la relación entre dispositivos de género y trastornos psíquicos, e investigar cómo la represión sexual y de género afectó la elección de las víctimas. Estos objetivos establecen un claro plan de investigación, con el objetivo de contribuir a la comprensión del feminicidio y los crímenes de odio contra la población LGBTQ+. La hipótesis central propone que el sistema patriarcal, a través de la represión sexual y de género, influyó en el desarrollo de trastornos psicopatológicos en los asesinos y contribuyó a la naturaleza feminicida y homofóbica de sus crímenes. La metodología empleada es cualitativa, basada en el análisis del discurso, utilizando como material algunos de los discursos de cada uno de los asesinos estudiados durante sus respectivos interrogatorios, así como análisis bibliográficos realizados por profesionales que se dedicaron a estudiar la vida de cada uno de ellos, teniendo como una base estudios teóricos de Michel Foucault, resaltando la importancia de examinar el lenguaje como una práctica socialmente situada. Este trabajo académico ofrece un enfoque interdisciplinario, incorporando conceptos de psicología, estudios de género, sociología y análisis del discurso, proporcionando una comprensión más profunda de los fenómenos estudiados.

Palabras clave: Psicopatología; género; asesino en serie; represión sexual; patriarcado.

ABSTRACT

The present academic study addresses the relationship between the North American patriarchal system and the cases of three serial killers between the years 1970 and 1990: John Wayne Gacy, Ted Bundy, and Jeffrey Dahmer. The text highlights the influence of the cis-heteronormative perspective on the construction of behaviors, gender roles, and social norms, historically shaped by the vision of cisgender and heterosexual men. The selected serial killers have different profiles but share a history of violence, psychological disorders, and the choice of specific victims. The study aims to analyze how the patriarchal system, combined with sexual and gender repression, contributed to the development of psychopathological disorders in these individuals and influenced the selection of their victims. The study's objectives include understanding the structure of the North American patriarchal system, exploring the development of psychopathologies in the killers, analyzing the relationship between gender devices and psychological disorders, and investigating how sexual and gender repression affected the choice of victims. These objectives establish a clear roadmap for research, aiming to contribute to the understanding of femicide and hate crimes against the LGBTQ+ population. The central hypothesis proposes that the patriarchal system, through sexual and gender repression, influenced the development of psychopathological disorders in the killers and contributed to the feminicidal and homophobic nature of their crimes. The methodology used is qualitative, based on discourse analysis, using as material some of the speeches of each of the murderers studied during their respective interrogations, as well as bibliographical analyzes by professionals who dedicated themselves to studying the lives of each of them, having as a basis theoretical studies by Michel Foucault, emphasizing the importance of examining language as a socially situated practice. This academic work offers an interdisciplinary approach, incorporating concepts from psychology, gender studies, sociology, and discourse analysis, providing a deeper understanding of the studied phenomena.

Keywords: psychopathology; gender; serial killer; sexual repression; patriarchy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ESTRUTURAÇÃO DO PATRIARCADO	18
2.1 O PATRIARCADO MESOPOTAMICO	18
2.2 O PATRIARCADO NORTE-AMERICANO	22
3 O DESENVOLVIMENTO DAS PSICOPATOLOGIAS	26
3.1 UMA TRAJETÓRIA ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DAS PSICOPATOLOGIAS DE JOHN W. GACY, TED BUNDY E JEFFREY DAHMER	27
4 OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, OS DISPOSITIVOS DE GÊNERO E AS PSICOPATOLOGIAS: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR	40
4.1 OS DISPOSITIVOS DE GÊNERO	41
4.2 OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO	42
4.3 OS TRANSTORNOS DA MENTE	48
4.4 AS VÍTIMAS E OS ASSASSINOS	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58

INTRODUÇÃO

Sabemos que a história mais atual do mundo e das sociedades sempre foi moldada com base na perspectiva do homem cisgênero e heterossexual do que é considerado certo e do que é considerado errado perante a lei, costumes e culturas. As condutas sexuais das pessoas foram duramente monitoradas após o estabelecimento do cristianismo como religião “universal”, e continuam sendo até os dias atuais.

Com isso, certos comportamentos e papéis de gênero foram criados e passaram a fazer parte da cartilha obrigatória de cada ser humano que vive em nossa sociedade. Tal estrutura, demanda uma fonte de poder extremamente forte e capaz de moldar, coagir e manter estes princípios intactos e longe de qualquer perigo.

Dito isso, o fenômeno que abordaremos ao longo deste trabalho é a relação entre o sistema patriarcal e os casos de três assassinos em série norte-americanos entre os anos de 1970 a 1990. Abordaremos questões como: sexualidade, gênero, religião e psicopatologias nos casos de John Wayne Gacy (1942-1994), Ted Bundy (1946-1989) e Jeffrey Dahmer (1960-1994).

Uma breve introdução a respeito dos assassinos citados nos dá uma dimensão de como analisaremos o tema. John W. Gacy nasceu em 17 de março de 1942 na cidade de Chicago e morreu em 10 de maio de 1994 no mesmo Estado. Teve uma infância difícil e violenta onde seu pai o negligenciava constantemente, os maus tratos direcionados a Gacy se intensificaram principalmente quando, de pequeno, começou a ajudar a mãe nas tarefas domésticas, ou quando demonstrou curiosidade em experimentar suas roupas, quando adulto fazia parte de diversas instituições públicas incluindo corpo de bombeiros, sempre bem visto e bem recebido pela comunidade local, era considerado por todos um anfitrião e sempre que eram promovidos festivais na comunidade local, ele participava assiduamente vestindo-se como palhaço para alegrar as crianças. Segundo investigações policiais, ao todo Gacy vitimou 33 jovens rapazes, menores de idade, gays ou bissexuais e garotos de programa em sua maioria. Foi diagnosticado por especialistas com Transtorno de Personalidade Borderline com subtipo psicopático e episódios de esquizofrenia paranóica.

Ted Bundy nasceu em 24 de novembro de 1946 na cidade de Burlington e morreu em 24 de janeiro de 1989 no Estado da Flórida, EUA. Criado por sua mãe e avós maternos, sua mãe se casou após alguns anos e seu padrasto o registrou em seu nome, o próprio Bundy afirma ter tido uma infância acolhedora embora seu avô tenha sido rígido com ele, descobriu

tardiamente que era filho bastardo e isso, segundo ele, o fez sentir-se humilhado. Ao todo, somam-se 36 casos confirmados (e confessos) na ficha de Bundy, embora especialistas afirmam que a quantidade real pode ultrapassar 100 vítimas. Todas mulheres, graduandas, brancas, tendo em média 20-25 anos. Se envolveu na política ainda jovem, fez de tudo para se tornar influente e bem quisto, se formou em direito e cursou psicologia, possuía muitos contatos do meio público. Diagnosticado com Transtorno Narcisista e Psicopático.

Jeffrey Dahmer, nasceu em 21 de maio de 1960 e morreu em 28 de novembro de 1994 na cidade de Milwaukee, teve uma infância e adolescência conturbada com a separação dos pais e disputa dos dois pela guarda de seu irmão, morou em diferentes casas de parentes próximos e não possuía círculos de amizades, era tido pelos colegas de colégio como um adolescente “estranho” que não se encaixava, desde muito pequeno demonstrava interesse por ossos de animais já mortos. Suas vítimas totalizam 16, sendo todas elas homens entre 14-31 anos, gays, majoritariamente negros e/ou imigrantes, foi preso pelo menos 3 vezes por crimes envolvendo assédio sexual e foi liberado mediante pagamento de fiança ou cumprimento de pequena pena. Foi diagnosticado mais tarde com transtorno de personalidade borderline, transtorno de personalidade esquizotípica e transtorno psicótico.

Desde muito jovem eu me interessava pela mente humana: como pensamos, porque nos comportamos de determinada maneira, absolutamente tudo que envolvia a psiquê humana me fascinava. Me lembro de uma professora do Ensino Médio me cativar contando sobre sua graduação e como também se interessava sobre assuntos que envolviam psicologia, em especial casos de pessoas diagnosticadas como psicopatas, e foi aí que tudo começou.

Mergulhei em livros e revistas sobre psicopatologias, criminosos - em especial serial killers - e os casos mais bárbaros já cometidos pelo homem, literalmente, e certas características começaram a me chamar a atenção. As motivações sempre pareciam ter um germe em comum, na infância, algo reprimido pelos pais ou familiares, ambiente escolar, religião e sexualidade, principalmente sexualidade. As vítimas, essas quase sempre as mesmas, mulheres, jovens ou idosas, mas quase que unanimemente mulheres.

Estudando mais a fundo, ficou quase que palpável o aumento de casos como esses nas décadas de 1970 até fim dos anos 1990, especificamente nos Estados Unidos, país que representa menos de 5% da população mundial entretanto produziu cerca de 84% de todos os *serial killers* conhecidos desde 1980 (NEWTON, 2008). Esses dados nos levam diretamente ao motivo pelo qual se dá este presente trabalho.

Buscando descobrir se há uma relação entre o sistema patriarcal e as vítimas escolhidas por esses homens, estudaremos como os papéis de gênero, a repressão da

sexualidade no ambiente familiar e em alguns casos também pela religião, podem ter ou não colaborado para a natureza feminicida e homofóbica dos crimes cometidos.

O presente estudo será relevante para o levantamento de dados acerca dos casos de feminicídio e suas motivações, tal qual os crimes de ódio contra a população LGBTQ+, servindo como fonte de informação para pensarmos em uma possível mudança circunstancial em nosso sistema tanto educacional como cultural a fim de revertermos as estatísticas e, quem sabe, mudarmos o panorama histórico e atual que já matou e continua matando milhares de pessoas ao redor do mundo.

Nos anos de 1970 a 1990, os Estados Unidos testemunharam uma série de crimes horríveis perpetrados por notórios assassinos em série, como por exemplo, Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer. Esses indivíduos deixaram um rastro de terror e tragédia, ceifando a vida de inúmeras pessoas. Para nortear esta pesquisa, me fiz a seguinte pergunta inicial: Como se construiu a relação entre os processos de subjetivação, os dispositivos de gênero e o desenvolvimento das psicopatologias no caso dos assassinos em série, Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer dentro do sistema patriarcal norte-americano nos anos de 1970 a 1990 e como isso os influenciou na escolha de suas vítimas?

O fenômeno dos serial killers há muito intriga estudiosos, criminologistas e o público. Compreender os fatores que influenciam a seleção das vítimas é de suma importância não só para a curiosidade acadêmica, mas também para melhor estruturar as estratégias de aplicação da lei, de criação de perfis criminais e de prevenção de tais crimes. Os três sujeitos selecionados como unidade de análise, fazem parte da extensa lista de homens brancos cisgêneros envolvidos em crimes hediondos, e se fazem notar não apenas pela escala dos seus crimes, mas também pelas características distintas e ao mesmo tempo semelhantes de suas vítimas.

Ted Bundy, muitas vezes retratado como um indivíduo encantador e inteligente, tinha como alvo principal mulheres jovens e estudantes. John Wayne Gacy, por outro lado, vitimizou predominantemente homens jovens e homossexuais, tornando mais complexa a nossa compreensão de como a construção da masculinidade e os processos de subjetivação juntamente com os dispositivos de gênero se cruzam em tais casos. Os crimes cometidos por Jeffrey Dahmer também envolveram predominantemente homens jovens e homossexuais com o agravante de serem pessoas racializadas por sua cor ou origem, sendo eles então oriundos de comunidades marginalizadas, o que oferece uma outra dimensão à questão.

Através dos estudos de gênero e poder e as leituras etnopsiquiátricas a respeito do desenvolvimento psíquico dos seres humanos, faremos uma análise dos três casos

mencionados acima, relacionando características como: perfil psicológico, histórico e ambiente familiar e social, a fim de compreender similaridades que levaram esses indivíduos a agirem de tal forma e elegerem suas vítimas da forma como o fizeram.

O Objetivo Geral deste estudo é demonstrar que ainda que os assassinos tenham algum diagnóstico que aponte traços de certos tipos de psicopatologias, a repressão sexual e de gênero imposta pelo sistema patriarcal e reproduzida pelo ambiente familiar e social destes indivíduos, influenciaram diretamente no desenvolvimento de transtornos (onde esses homens atuaram sobre seus impulsos) psicopatológicos e na escolha de suas vítimas.

Como Objetivos Específicos temos:

1. Compreender a estruturação do sistema patriarcal norte-americano:

Explorar e elucidar de forma abrangente os elementos e estruturas fundamentais do sistema patriarcal norte-americano, identificando como a dinâmica de poder, os papéis de gênero e as normas sociais moldaram historicamente as experiências vividas pelos indivíduos dentro deste sistema.

2. Explicar como se desenvolvem as psicopatologias, especificamente aquelas atribuídas aos indivíduos analisados no presente estudo.

Este objetivo pretende aprofundar-se nos complexos processos envolvidos no desenvolvimento dos transtornos psicopatológicos, com foco específico nos indivíduos examinados neste estudo. Este objetivo busca identificar e elucidar as origens, manifestações e fatores contribuintes dos quadros psicopatológicos apresentados por esses indivíduos.

3. Analisar a relação entre os dispositivos de gênero atrelados ao sistema patriarcal e o desenvolvimento desses transtornos psíquicos.

Este objetivo visa elucidar como as normas, expectativas e repressão sociais de gênero podem contribuir para o surgimento de distúrbios psicológicos.

4. Apontar como a repressão sexual e de gênero sofrida pelos assassinos influenciou a escolha de suas vítimas. Este objetivo visa descobrir padrões, motivações e mecanismos psicológicos através dos quais as experiências repressivas desempenharam um papel na seleção de vítimas e na manifestação de impulsos violentos.

Esses objetivos, alinhados com o tema da pesquisa, fornecem um roteiro nítido para o estudo, permitindo aos leitores compreender o escopo e o propósito da mesma. Cada objetivo específico aborda um aspecto distinto do presente estudo, e serão abordados separadamente em capítulos individuais, contribuindo para uma investigação abrangente e bem estruturada.

A hipótese desta investigação postula que o sistema patriarcal, em conjunto com os seus dispositivos de controle e poder, utiliza da repressão sexual e de gênero como ferramentas de influência, que são absorvidas durante os processos de subjetivação dos sujeitos, sendo que essa repressão contribui diretamente para moldar as estruturas cognitivas dos homens, influenciando as suas percepções do mundo e dos indivíduos dentro dele. Além disso, este estudo demonstra que em numerosos casos, os efeitos desta repressão podem manifestar-se em comportamento criminoso, particularmente sob a forma de condutas específicas dirigidas a grupos específicos de pessoas.

Esta hipótese constitui a base de nossa investigação e sugere uma relação causal entre o sistema patriarcal, a repressão sexual e de gênero, os processos cognitivos e a conduta criminosa. Ela descreve os elementos-chave que nós pretendemos investigar e fornece uma declaração clara que pode ser testada e analisada empiricamente no presente estudo.

Em suma, este estudo abordará a relação de causa e efeito produzidos pela repressão sexual e de gênero dentro do sistema patriarcal norte-americano, e qual a relação que se apresenta a partir dessa repressão e o desenvolvimento de transtornos psíquicos nos homens, especificamente os casos dos três assassinos em série mais conhecidos nos Estados Unidos, Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer desde a década de 70 até o final dos anos 90, fazendo uso dos estudos produzidos por Foucault a respeito da *História da Sexualidade* (1988) e também os produzidos por Paul Preciado (2017) a respeito da construção de identidades, abordando a *Criação do Patriarcado* (2019) e os processos de desenvolvimento da psique estudados por Jacques Lacan (2002).

A metodologia utilizada para analisar este fenômeno é de cunho qualitativo e baseada em Análise do Discurso, para tanto, faremos uso das ideias desenvolvidas nas obras do autor Michel Foucault. Utilizando como material algumas das falas de cada um dos assassinos estudados durante seus respectivos interrogatórios bem como análises bibliográficas, trechos de entrevistas, documentários e relatos de profissionais que se dedicaram a estudar sobre a vida de cada um deles. A análise do discurso é uma abordagem valiosa usada para examinar a linguagem, a comunicação e a construção social de significado em vários contextos. Envolve o estudo sistemático da linguagem falada ou escrita, abrangendo elementos verbais e não-verbais, para descobrir estruturas, ideologias e dinâmicas de poder.

A análise do discurso é um método de pesquisa interdisciplinar que explora como a linguagem molda e reflete a realidade social. Centra-se na compreensão de como indivíduos, grupos e instituições usam a linguagem para transmitir significado, construir identidades e exercer poder. A análise do discurso não vê a linguagem como uma ferramenta neutra, mas

sim como uma prática socialmente situada que é influenciada por fatores culturais, históricos e políticos.

A condução da análise do discurso envolveu as seguintes etapas: Coleta de dados: reunião de um corpus de texto, que pode incluir documentos escritos, transcrições de conversas faladas ou materiais visuais. Segmentação: Os textos foram divididos em segmentos significativos, como frases ou parágrafos, para facilitar a análise. Codificação e categorização: foram identificados temas, padrões ou características linguísticas recorrentes nos dados. Contextualização: Fatores contextuais, incluindo o contexto social, cultural e histórico do discurso, foram examinados para interpretar os significados transmitidos. Análise Crítica: analisamos criticamente as estratégias discursivas utilizadas, incluindo o enquadramento das questões, a construção de identidades e o exercício do poder. E por fim, interpretação e conclusão: Os resultados foram sintetizados e as conclusões tiradas com base na análise.

Concluindo, a análise do discurso é uma abordagem metodológica poderosa para investigar as complexidades da linguagem e da comunicação em vários contextos. Permite aos investigadores descobrir significados ocultos, examinar a dinâmica do poder e obter insights sobre como os indivíduos e grupos constroem as suas realidades através da linguagem.

2 A ESTRUTURAÇÃO DO PATRIARCADO

Iniciei este trabalho afirmando que sabemos que a história mais recente do mundo e das sociedades sempre foi moldada com base na perspectiva do homem cisgênero e heterossexual; diante desta afirmação, neste capítulo daremos atenção à história do surgimento de um sistema de dominação e subjugação que dura há milênios. Quem fundamentará esta primeira etapa do nosso capítulo será a historiadora Gerda Lerner, quem dedicou sua vida a estudar o surgimento do que hoje conhecemos como patriarcado, seu trabalho “A Criação do Patriarcado: A história da opressão das mulheres pelos homens” (2019) se baseia na análise de um compilado de dados históricos que ela recolheu durante anos sobre a estruturação da família na região da então mesopotâmia. Sendo assim, estas primeiras páginas tratam de explicar desde o nascimento até a consolidação desse sistema, delimitando a localização e conseqüentemente a estrutura dos costumes locais. Em seguida, conectamos o sistema estudado naquela região com o sistema desenvolvido no lado ocidental do planeta, mais especificamente o sistema patriarcal norte-americano e suas raízes fundamentais.

2.1 O PATRIARCADO MESOPOTAMICO

Desde o início do que hoje conhecemos como civilização, a história da humanidade foi escrita e contada pelos homens, sua visão de mundo e concepção do bem e do mal, do certo e do errado geralmente foi a premissa de tudo. Sendo assim, podemos afirmar que “o registro gravado e interpretado do passado da espécie humana é apenas um registro parcial, uma vez que omite o passado de metade dos seres humanos, sendo portanto distorcido, além de contar a história apenas do ponto de vista da metade masculina da humanidade” (Lerner, 2019, pág.24). O que nos leva a acreditar, que essa exclusão proposital da história das mulheres, suas epistemologias e cosmovisões afeta diretamente nossas relações interpessoais, especialmente quando essas relações envolvem o contato com outros homens, e já que esse:

“[...] processo de dar significado é essencial para a criação e perpetuação da civilização, podemos logo ver que a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada. As mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minoria” (Lerner, 2019, pág.25).

A opressão e o controle dos corpos femininos como sistema possui raízes profundas e sobretudo socialmente naturalizadas, desde sua concepção, por volta de 3100 e 600 a.C, o patriarcado e seus moldes foram propositalmente bem confeccionados para que nunca ou raramente pudessem ser questionados, esse processo - segundo Lerner - durou cerca de 2.500 anos, manifestando-se não apenas na organização familiar como também nas relações econômicas, instituições, na criação de burocracias religiosas e governamentais, mudança das cosmogonias e instituindo um processo de adoração e supremacia a divindades masculinas (LERNER, 2019). O patriarcado como sistema não é um fenômeno natural, mas sim uma construção social e histórica que emergiu ao longo do tempo, sendo progressivamente construído e instituído no cerne da sociedade. Tendo suas origens nos primeiros assentamentos agrícolas e atravessando a transição da sociedade de caçadores-coletores para uma sociedade agrária, através da domesticação de animais e do desenvolvimento da agricultura esse sistema foi capaz de desenvolver um método econômico que levou à acumulação de excedentes e à necessidade de controle sobre a reprodução e a herança, como apontado pela historiadora no trecho:

Estados arcaicos caracterizam-se em toda parte pelo surgimento de classes e hierarquias relacionadas à propriedade; produção de bens consumíveis com alto grau de especialização e comércio organizado entre regiões distantes; urbanismo, aparecimento e consolidação de elites militares; realeza; institucionalização da escravidão; transição de dominância por parentesco a famílias patriarcais como principal forma de distribuição de posses e poder. (Lerner, 2019, pág.90).

Na antiga Mesopotâmia, as mulheres eram tratadas de maneira desigual em comparação aos homens e seu status era geralmente inferior, até mesmo em termos jurídicos isso ficava bem explícito, as mulheres eram consideradas legalmente subordinadas aos homens em quase todos os aspectos da vida, por exemplo nos códigos legais mesopotâmicos, como o Código de Hamurabi, as mulheres tinham menos direitos em questões de casamento, divórcio, herança e propriedade do que os homens. O casamento era uma instituição central na vida das mulheres na Mesopotâmia, mas muitas vezes era arranjado pelos pais e não necessariamente com base no desejo ou consentimento das mulheres, portanto o casamento era visto como uma transação entre famílias e era frequentemente utilizado para fortalecer alianças políticas ou econômicas, essas mulheres também eram principalmente responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado da família, isso incluía a preparação de alimentos, a produção de tecidos, a criação dos filhos e a gestão das atividades diárias do lar. Embora essas

atividades fossem essenciais para o funcionamento da sociedade, elas raramente eram reconhecidas como trabalho remunerado ou valorizado socialmente. O acesso à educação e poder político era limitado, as mulheres daquela região geralmente tinham acesso limitado à educação formal e raramente ocupavam posições de poder político ou liderança na sociedade mesopotâmica, suas oportunidades de influenciar as decisões políticas ou participar da vida pública eram extremamente restritas e mal vistas, como aponta a autora:

Após a invenção da escrita e do estabelecimento do ensino formal, as mulheres são excluídas do mesmo acesso a tal educação. As cosmogonias, que oferecem a base para o estado arcaico, subjugam divindades femininas a deuses masculinos superiores e apresentam mitos de origem que legitimam a supremacia masculina. (Lerner, 2019, pág.91).

Em consequência disso, surge uma dependência econômica dessas mulheres, que majoritariamente dependiam financeiramente dos homens, especialmente de seus pais ou maridos, devido às restrições em seu acesso ao trabalho remunerado e à propriedade, isso contribuía para sua vulnerabilidade e falta de autonomia econômica. Em geral, o sistema patriarcal predominante na Mesopotâmia resultou em um status inferior para as mulheres em comparação com os homens, e através da análise de textos antigos, mitos, leis e práticas sociais, é possível perceber como essas mulheres foram gradualmente subjugadas e colocadas em uma posição de inferioridade.

Na Mesopotâmia, também ocorrem mudanças importantes na posição das mulheres: a subordinação feminina dentro da família passa a ser institucionalizada e codificada pela lei; a prostituição se estabelece e se regula; com crescente especialização de trabalho, as mulheres são excluídas aos poucos de determinadas ocupações e profissões. (Lerner, 2019, pág.91).

Essa dominação e subjugação feminina se tornou mais profunda quando a divisão do trabalho por gênero foi institucionalizada, com os homens assumindo papéis dominantes na esfera pública e política, enquanto as mulheres eram relegadas ao espaço privado do lar, sendo controladas e limitadas em todos os âmbitos humanamente imagináveis, as mulheres eram vistas meramente como objetos, coisas, posses, que precisavam de regulação - principalmente quando se tratava de seus corpos e sexualidade. Alguns dos principais aspectos da estrutura patriarcal daquela região foi a divisão de papéis por gênero na sociedade mesopotâmica, havia

uma clara divisão de papéis entre homens e mulheres. Os homens geralmente ocupavam posições de autoridade e poder na esfera pública, enquanto as mulheres eram principalmente responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com a família. As mulheres raramente tinham acesso à educação formal ou a cargos políticos, por conta disso, até mesmo os códigos legais e leis reforçavam essa natureza de submissão feminina, como por exemplo, o Código de Hamurabi, que refletia e reforçava a hierarquia patriarcal. Esses códigos frequentemente concediam aos homens autoridade sobre as mulheres em vários aspectos da vida, incluindo questões de herança, casamento e direitos legais (LERNER, 2019), um exemplo disso, o Código de Hamurabi dava ao marido o direito de tomar uma segunda esposa ou de divorciar-se da primeira esposa se ela não pudesse ter filhos. Aqui vemos nitidamente que a principal função feminina para esses homens era a de reprodução, e uma reprodução específica pois até mesmo o sexo do bebê que nascia era levado em consideração para validar ou não a importância dessa mulher. O que nos leva ao seguinte aspecto dessa estrutura: Família e herança: A família era a unidade básica da sociedade mesopotâmica e era geralmente patriarcal. O pai era o chefe da família e tinha autoridade sobre sua esposa, filhos e outros membros da casa. A herança era transmitida principalmente através da linha paterna, com os filhos homens recebendo a maior parte dos bens e propriedades, quase como um fenômeno cíclico, isso afetava diretamente a situação econômica das mulheres, como dito anteriormente, e reforçava o status de dependente dos homens de sua família.

Outro aspecto importantíssimo que seria utilizado ainda nos dias de hoje para justificar esse sistema de dominação é o aspecto religioso, onde, é possível notar a legitimação dessas estruturas patriarcais nas religiões e nos mitos da antiga Mesopotâmia, como por exemplo, na sua mitologia os deuses eram *frequentemente* representados como masculinos e dominantes, enquanto as deusas eram *frequentemente* associadas a papéis mais passivos e maternais¹. Isso refletia e reforçava as normas de gênero na sociedade.

O patriarcado mesopotâmico não apenas estabeleceu relações de poder desiguais entre homens e mulheres, mas também moldou a maneira como entendemos o mundo e as relações sociais até os dias de hoje, através da institucionalização e naturalização dessas normas e leis sociais que viam a mulher apenas como um meio a ser utilizado para determinados fins. Quando tratamos de um assunto tão complexo e profundo com tantas camadas como esse, temos que nos propor a analisarmos até onde essas raízes se espalharam, ou como no caso

¹ Após a invenção da escrita e do estabelecimento do ensino formal, as mulheres são excluídas do mesmo acesso a tal educação. As cosmogonias, que oferecem a base para o estado arcaico, subjugam divindades femininas a deuses masculinos superiores e apresentam mitos de origem que legitimam a supremacia masculina. (Lerner, 2019, pág. 91).

estudado, se espalham até os dias atuais, abordaremos mais sobre isso na seção seguinte.

Nesta etapa do primeiro capítulo, falaremos sobre os aspectos do sistema patriarcal norte-americano, construindo uma ponte entre aquele que já abordamos mais acima e este, quais as semelhanças e como os processos de subjetivação masculina nesta região influenciam no comportamento dominante, opressor e violento desses indivíduos. Para tanto, serão usadas as contribuições dos estudos desenvolvidos pela autora feminista, professora e ativista antirracista Bell Hooks em seu trabalho “Teoría feminista: de los márgenes al centro” (2020).

Com a ajuda de Bell Hooks, nosso trabalho será identificar as origens do patriarcado norte-americano. Por motivos que nos limitam quanto à extensão de nossa pesquisa e quantidade de dados disponíveis para abordar o tema, falaremos brevemente sobre a fundamentação geral do sistema patriarcal estadunidense e daremos ênfase a apenas algumas instituições que acredito serem mais presentes e influentes quanto à hipótese apresentada no início deste projeto.

2.2 O PATRIARCADO NORTE-AMERICANO

É de conhecimento popular que a América do Norte possui um processo histórico complexo que remonta à colonização europeia e à formação dos Estados Unidos como nação. Sendo assim, o argumento de que o patriarcado não é apenas uma estrutura social, mas também uma ideologia que permeia todas as instituições e relações sociais na sociedade deve ser entendido também como um processo em meio a esses acontecimentos, ou melhor, é possível inclusive afirmar que o nascimento dos Estados Unidos como nação tem como pilar essencial o sistema patriarcal - mais especificamente branco e burguês. Para nos aproximarmos um pouco mais desse argumento e termos um panorama maior de como se estrutura esse sistema, é necessário apontar as principais características que dão vida ao que chamamos de gênese do mal.

Primeira característica: Definitivamente não poderíamos estudar este fenômeno sem mencionar a **colonização e escravização** como um dos pilares que fundamentam o que aqui chamamos de gênese do mal. A autora Bell Hooks observa que a colonização europeia da América do Norte trouxe consigo sistemas de poder baseados no patriarcado, onde os colonizadores brancos exerciam controle sobre as terras, os recursos e as pessoas indígenas. Além disso, a introdução da escravização africana na América do Norte consolidou ainda mais o poder masculino branco, à medida que os homens e mulheres escravizados eram subjugados e explorados tanto economicamente quanto sexualmente, tendo seus corpos

controlados e violados pelo homem branco e a constante alienação patriarcal branca lhes impondo um ideal de “homem”. Algumas vezes, devido á profundida dessa alienação, até mesmo os individuos oprimidos por sua cor racializada e raízes aderiam à reprodução violenta do que é “ser homem”, como assinala Hooks em seu ensaio “Olhares Negros” (2019):

Nós o respeitávamos. Tínhamos um pouco de medo dele. Temíamos o seu poder, sua habilidade física, sua voz grave, sua rara mas imprevisível fúria intensa. Nunca podíamos esquecer que, diferente de outros homens negros, nosso pai era a realização do ideal masculino patriarcal. (Hooks, 2019, pág.147).

A questão racial aqui se mostra fundamental para entendermos como o sistema patriarcal norte-americano atua. Suas implicações atingem e agridem as mulheres, e ferem também os homens, de maneiras diferentes mas ainda assim. Ou seja, o processo de subjetivação do homem negro norte-americano passa por um sistema de dominação que oprime e subverte o seu status como individuo, trazendo consigo a segunda característica do que consideramos ser a genese do mal, o racismo. O sistema patriarcal norte-americano possui como um dos seus pilares o racismo, aspecto indispensável para se compreender a realidade desses processos de subjetivação. Podemos compreender melhor essa afirmação na seguinte passagem citada por Hooks nesse mesmo texto quando a autora evoca uma das análises escrita por Stuart Hall em seu ensaio “Identidade cultural e diáspora”:

As formas como se posicionaram e se sujeitaram os negros e as experiências dos negros nos regimes dominantes de representação foram o resultado de um exercício crucial de poder cultural e de normalização. Esses regimes não só nos configuraram - no sentido "orientalista" de Said - como diferentes, como o outro, dentro das categorias do conhecimento do Ocidente, mas tiveram ainda o poder de fazerem com que nos víssemos e vivêssemos a experiência de nós próprios como o "Outro". Todos os regimes de representação são regimes de poder formado, como Foucault lembra, pelo par fatal do «poder/conhecimento». Porém, este tipo de conhecimento não é externo, é interno. Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de povos como o Outro de um discurso dominante, outra muito diferente é sujeitá-lo(s) a esse "conhecimento"; que não é apenas uma questão de vontade imposta e dominação, pelo poder da coacção interna e da conformação do sujeito à norma. (Hall, 2006, pág.24).

Outro aspecto fundamental do sistema patriarcal norte-americano e podendo ser considerada a terceira característica do que chamamos de gênese do mal: as sementes que deram fruto à fundação dos Estados Unidos. Hooks (2000) argumenta que os princípios

fundadores dos Estados Unidos, como a Declaração de Independência e a Constituição, refletiam uma visão patriarcal da sociedade, na qual os direitos e privilégios eram reservados principalmente aos homens brancos proprietários de terras. Ela destaca como as mulheres, especialmente as mulheres negras e indígenas, foram excluídas desses ideais de liberdade e igualdade desde o início, e com a expansão do capitalismo nos Estados Unidos isso se intensificou e contribuiu para a consolidação do patriarcado. A autora argumenta que o sistema capitalista depende da exploração do trabalho, incluindo o trabalho não remunerado das mulheres em casa para acumular lucro, isso reforçou a divisão de gênero do trabalho e a dependência econômica das mulheres em relação aos homens - assim como na sociedade agrária mesopotâmica. Cabe destacar outro aspecto diferente em relação ao sistema patriarcal tratado na primeira parte deste capítulo, sendo este a cultura.

A cultura popular e a mídia estadunidense desempenharam e desempenham um papel crucial na perpetuação do patriarcado, reforçando estereótipos de gênero e promovendo ideais de masculinidade dominante. Hooks argumenta como a cultura popular e a mídia desempenham um papel na perpetuação do patriarcado, muitas vezes retratando as mulheres de maneiras estereotipadas e limitadas, enquanto reforçam ideais de masculinidade dominante, inclusive a representação das mulheres na mídia frequentemente as objetifica e as reduz a papéis secundários e subservientes, essa representação limitada das mulheres na mídia contribui para a manutenção das hierarquias de poder patriarcais na sociedade - assim como na sociedade mesopotâmica com a proibição da participação feminina na vida pública - perpetuando a figura feminina a um espaço de pouca visibilidade e significância, a não representatividade delega às mulheres o papel de menos do que coadjuvantes, seriam elas meras figurantes na construção dos processos históricos de suas próprias vidas segundo as normas patriarcais de sociedade. Isso nos leva a perceber como a dominação masculina está presente em basicamente todas as partes, seja ele no âmbito público ou privado, os homens detêm a maioria do poder e privilégio na sociedade, essa realidade se reflete em instituições sociais, políticas e econômicas, onde os homens ocupam o papel central em um roteiro dirigido por eles mesmos².

Outra semelhança é que assim como na sociedade e no sistema patriarcal mesopotâmico, vemos presente no sistema patriarcal norte-americano a divisão do trabalho

² Mas o cenário é concebido, pintado e definido por homens. Homens escreveram a peça, dirigiram o espetáculo, interpretaram os significados da ação. Eles se auto escalaram para os papéis mais interessantes e heróicos, deixando para as mulheres os papéis de coadjuvante. (Lerner, 2019, pág. 35).

por gênero e a exploração econômica do trabalho não remunerado pelas mulheres. Nos Estados Unidos esse sistema também se baseia fortemente na divisão do trabalho que coloca as mulheres em papéis domésticos e de cuidados não remunerados, enquanto os homens geralmente ocupam posições melhor remuneradas e mais valorizadas no mercado de trabalho, podendo ganhar até 18% a mais que as mulheres que ocupam o mesmo cargo³, resultando em uma exploração econômica das mulheres e contribuindo para a desigualdade de gênero.

É importante ressaltar que essa desigualdade não é ao acaso, e ela pode ser resumida como uma forma de violência, e essa violência possui um viés importantíssimo para a manutenção do sistema patriarcal. Ademais, essa faceta violenta do patriarcado não se manifesta apenas em violência contra mulheres, mas também em relação a outras pessoas marginalizadas, incluindo violência doméstica, estupro, assédio sexual e violência transmisógena, essa é mais uma forma de manter a subordinação das mulheres e de outros grupos marginalizados e impor controle sobre seus corpos e vidas, como argumenta Gerda em seu livro quando diz que:

Para as mulheres, o terror físico e a coerção, ingredientes essenciais no processo de transformar pessoas livres em escravos, tomaram a forma de estupro. As mulheres eram subjugadas fisicamente por meio de estupros; uma vez grávidas, podiam se apegar a seus senhores em termos psicológicos. Daí surgiu a institucionalização do concubinato, que se tornou o instrumento social para integrar mulheres prisioneiras às famílias dos captores, garantindo a estes não apenas seus serviços fiéis, mas também o de seus filhos. (Lerner, 2019, pág.134).

O controle dos corpos e da sexualidade sempre foi instrumento para a coerção, toda a história da humanidade é circundada ao redor do sexo, a partir do momento em que os corpos passaram a ser vistos também como mercadoria - vide o período escravocrata - aonde quer que houvesse comércio de pessoas escravizadas, havia o ato do estupro como exercício de poder. Com o objetivo de desumanizar as vítimas, os homens enxergaram no estupro a possibilidade de instaurar no psicológico feminino - ou de qualquer que seja o grupo alvo de seus ataques, mas principalmente no das mulheres - um sentimento de desonra, de não pertencimento, uma forma de retirar de suas vitimas o desejo de viver - inerente a todos os seres humanos - conduzindo-as a um processo de auto-flagelo mental capaz de podar qualquer tentativa de revidar ou ressignificar o status quo.

³ Dados obtidos pelo Pew Research Center em 2024.

Assim, desde o início, a escravidão significa algo diferente para homens e mulheres. Tanto homens quanto mulheres, uma vez escravizados, eram completamente subordinados ao poder de outros; perdiam autonomia e honra. Homens e mulheres escravos precisavam realizar trabalho não remunerado e não raro serviços pessoais para os senhores. Mas, para as mulheres, a escravidão significava, de modo inevitável, também a servidão sexual a seus senhores ou àqueles que os senhores designassem em seu lugar. (Lerner, 2019, pág.136).

Essas práticas de tanto se reproduzirem ao longo dos séculos e através das culturas se tornaram normas, e essas normas foram conduzidas a um processo de subjetivação baseadas dispositivos de gênero onde, desde a infância, meninas e meninos são ensinados a se conformar a papéis específicos de acordo com seu sexo biológico, esse controle da sexualidade e da identidade é responsável pela perpetuação da dominação masculina e a subordinação feminina, e exploram e violentam sujeitos que fogem à regra.

Portanto, é possível afirmar que o patriarcado norte-americano está estruturado em processos históricos de colonização, escravidão, racismo, capitalismo e construção de uma cultura baseada em estereótipos de gênero. Esses dispositivos de poder continuam estruturando as relações sociais e as instituições nos Estados Unidos até os dias de hoje. Sendo assim, o processo de subjetivação que se baseia nessas características, acaba moldando comportamentos e produzindo sofrimentos psíquicos que adoecem os sujeitos de forma progressiva, agravando o cenário social à medida em que esse sistema opressor, controlador e punitivo se intensifica, dando espaço para o surgimento de distúrbios mentais e psicopatologias que, se levados ao extremo, criam indivíduos como os que estudamos neste trabalho.

A seguir tratamos sobre o desenvolvimento dessas psicopatologias e aprofundamos o que acabamos de abordar.

3 O DESENVOLVIMENTO DAS PSICOPATOLOGIAS

Neste capítulo, daremos atenção aos processos de desenvolvimento das psicopatologias dos indivíduos estudados neste trabalho, o objetivo será identificar as origens,

formas de manifestação e elementos que contribuem para os distúrbios psicológicos observados nesses indivíduos, para logo em seguida, no seguinte capítulo, utilizarmos das análises desenvolvidas pelo filósofo e historiador Michel Foucault a respeito dos processos de subjetivação dos sujeitos e também das análises do psicanalista francês Jacques Lacan que nos ajudará a entender como se desenvolve a psique humana, trazendo um enfoque mais psicocentrado ao estudo.

3.1 UMA TRAJETÓRIA ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DAS PSICOPATOLOGIAS DE JOHN W. GACY, TED BUNDY E JEFFREY DAHMER

De início, faremos uma breve visita ao passado e reconstruiremos a vida e o histórico de cada um dos sujeitos analisados neste trabalho, para tal, serão utilizados alguns trabalhos bibliográficos de autores que se dedicaram a pesquisar tudo sobre a vida desses homens. Serão descritos aqui aspectos como: a infância e adolescência desses sujeitos, sua relação com os pais e ou família, bem como sua relação com o Estado e polícia, as características de suas vítimas, análises de seus perfis psicológicos e também como ocorreu a construção de gênero e sexualidade de cada um deles. Finalizada essa etapa, no próximo capítulo, entraremos com os aportes dos autores mencionados acima, estabelecendo uma conexão entre os acontecimentos vividos por esses indivíduos, o desenvolvimento de suas psicopatologias e a relação deles com suas vítimas.

3.1.1 *John Wayne Gacy*

John Wayne Gacy é lembrado como um dos mais infames serial killers da história dos Estados Unidos, com sua história marcada por uma série de eventos aterradores que revelam uma mente profundamente perturbada e perigosa. Nascido em 17 de março de 1942, em Chicago, Illinois, Gacy cresceu em uma família aparentemente comum. No entanto, por trás dessa fachada de normalidade, havia sinais precoces de perturbação. Desde cedo, Gacy enfrentou um relacionamento tumultuado com seu pai autoritário e severo que demonstrava sinais de dependência alcoólica, como aponta o trecho do livro “*Johnny And Me: The True Story Of John Wayne Gacy*” onde o autor diz que “Gacy’s father was said to drink alcohol heavily and become violent after drinking”⁴ (Boschelli, 2008). Outro trecho de uma obra

⁴ “Dizem que o pai de Gacy bebia muito álcool e ficava violento depois de beber”. (Boschelli, 2008, pág. 87)

intitulada “The Man Who Killed Boys” escrita por Clifford L. Linedecker demonstra que seu pai frequentemente o submetia a abusos emocionais e físicos “The elder Gacy continued to have ‘drunken bouts’ and was physically and emotionally abusive to the rest of the family, especially towards John Wayne Gacy Jr”⁵ (1986, pág. 87).

Essa série de abusos cometidos por seu pai, segundo especialistas, se embasava na crença que o mesmo possuía de que o seu filho era seu único legado masculino, uma extensão de si mesmo, como apontado por Boschelli e Moss “Although Gacy Sr. is reported to have abused the entire family after bouts of drinking, Gacy received the majority of the abuse, as he was the legacy of masculinity to Gacy Sr., the ‘male lineage’ extension of himself”⁶ (Boschelli, 2008, pág. 87). Os abusos se intensificaram uma vez que o pai de Gacy descobriu que seu filho ajudava sua mãe nos afazeres domésticos, a ira de seu pai se deu pelo fato de que ele acreditava que essas eram tarefas “femininas”, ou seja, tarefas que deveriam ser realizadas apenas e exclusivamente por mulheres, e a mera execução delas por um homem - no caso, Gacy - poderia fazer com que ele desenvolvesse um comportamento *sissified*⁷ que traduzido ao pé da letra significaria “aviadado”. Ainda na infância, Gacy sofreu com muitas situações que o botaram em uma posição de opressão de si mesmo, tendo que reprimir seus interesses e desejos para ser aceito na família, um exemplo de situações como essa está expressa na seguinte passagem:

On one occasion, Gacy’s mother found a bag of underwear under the porch where Gacy played. Gacy reported that he liked the feel of the silk. His mother reportedly made him wear a pair of the panties to embarrass him, and his father gave him a beating when he heard about it (Dobbert, 2009; Goldberg & Morrison, 2004; Maiken & Sullivan, 1983)⁸.

Onde os autores contam que, quando certo dia a mãe de Gacy encontrou uma bolsa cheia de calcinhas femininas na varanda onde Gacy costumava brincar, ele explicou que as usava pois gostava da sensação da seda em sua pele, e na tentativa de puni-lo e envergonhá-lo

⁵ O Gacy mais velho continuou a ter ‘crises de embriaguez’ e abusava física e emocionalmente do resto da família, especialmente de John Wayne Gacy Jr (Linedecker, 1986, pág. 87).

⁶ Embora seja relatado que Gacy Sr. abusou de toda a família após crises de bebida, Gacy recebeu a maior parte do abuso, já que ele era o legado de masculinidade para Gacy Sr., a extensão da ‘linhagem masculina’ de si mesmo (Boschelli, 2008, pág. 87)

⁷ Gacy às vezes ajudava a mãe na lavagem, tirando as roupas da máquina e colocando as na secadora. Seu pai não aprovou isso e ficou furioso quando descobriu que o seu filho estava a ajudar a mãe no que ele chamava de “trabalho doméstico das mulheres”. Ele não queria que seu filho se tornasse “maricas”, proibindo Gacy de se envolver em atividades “femininas” (Boschelli, 2008; Dobbert, 2009)

⁸ Certa vez, a mãe de Gacy encontrou uma sacola de roupas íntimas embaixo da varanda onde Gacy brincava. Gacy relatou que gostou da sensação da seda. Sua mãe supostamente o fez usar uma calcinha para envergonhá-lo, e seu pai lhe deu uma surra quando soube disso (Dobbert, 2009; Goldberg & Morrison, 2004; Maiken & Sullivan, 1983)

pelo ato, sua mãe o obrigou a usar uma das peças e seu pai lhe bateu quando soube do ocorrido.

Esse ambiente familiar conturbado, marcado por um modelo de masculinidade tóxica, pode ter contribuído para o desenvolvimento de distúrbios psicológicos em Gacy. Na adolescência, Gacy começou a demonstrar sinais preocupantes de comportamento antissocial, ele teve dificuldades na escola e foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), embora nunca tenha recebido tratamento adequado para suas necessidades psicológicas. Além disso, Gacy exibiu um padrão perturbador de crueldade ao torturar e matar animais, um comportamento que muitas vezes é considerado um indicador precoce de desordens psicológicas graves.

Apesar desses sinais de alerta, Gacy conseguiu construir uma vida aparentemente bem-sucedida. Ele se casou e teve dois filhos, enquanto construía uma reputação como empresário de sucesso na comunidade de Chicago. No entanto, por trás dessa fachada de respeitabilidade, Gacy escondia uma série de assassinatos e violência.

Entre 1972 e 1978, Gacy cometeu uma série de assassinatos brutais que chocaram o país, seus atos repercutiram massivamente através da mídia estadunidense e em outras partes do mundo pela natureza cruel e sádica de seus crimes. Ele atraía rapazes, menores e adultos, majoritariamente gays ou bissexuais - em sua maioria garotos de programa - para sua casa sob o pretexto de oferecer-lhes emprego ou dinheiro fácil. Uma vez lá dentro, ele os subjugava, torturava, estuprava e, finalmente, os estrangulava até a morte. Quando questionado pelas autoridades sobre o motivo pelo qual ele cometia os crimes, Gacy disse “[...] bad people, they were blackmailing me. They were baaad people”⁹ (Linedecker, 1986, pág. 169) culpando as próprias vítimas por serem rapazes jovens que se prostituíam e por sua sexualidade. Gacy dizia que homens gays e bissexuais eram nojentos e pervertidos.

Os corpos das vítimas inicialmente foram enterrados em sua propriedade, entretanto logo antes de ser pego, mudando seu *modus operandi*, ele os jogava em um rio próximo. O comportamento monstruoso de Gacy desconcertou e horrorizou a comunidade de Chicago. Quando as autoridades começaram a investigar os desaparecimentos desses jovens na área, os indícios começaram a apontar para Gacy e em dezembro de 1978 ele foi finalmente preso, uma busca em sua casa revelou os corpos de cerca de 33 vítimas enterradas sob o porão.

Após sua prisão, especialistas em psicologia forense e psiquiatria estudaram o caso de Gacy em busca de respostas sobre sua condição psicológica. Muitos concluíram que ele exibia traços claros de transtorno de personalidade anti social, caracterizado por um desrespeito

⁹ “[...] pessoas más, eles estavam me chantageando. Eles eram pessoas mááás”. (Linedecker, 1986, pág. 169)

crônico pelas normas sociais, esquizofrenia paranóica, e uma incapacidade de sentir empatia pelos outros. Além disso, Gacy também apresentava traços de narcisismo e instabilidade emocional do tipo Borderline, características comuns entre serial killers, como apontado pelos autores Terry Sullivan e Peter T. Maiken em seu trabalho intitulado “Killer Clown: The John Wayne Gacy Murders”:

Gacy was described as having had a “borderline personality organization with the subtype of psychopathic personality and with episodes of and an underlying paranoid schizophrenia”. Dr Rappaport stated that Gacy also had a psychopathic personality and attributed the following characteristics to Gacy: “Unusual degree of self-reference...great need to be loved and admired...exploitative...charming on the surface, cold and ruthless underneath...noticeable absence of feeling remorse and guilt” (Maiken & Sullivan, 1983, p. 253).¹⁰

O mais curioso sobre o caso de Gacy é que apesar de todas as suas questões psicológicas, sua vida pessoal foi durante anos descrita como uma vida pacata e dentro da normalidade, claramente tal descrição se baseava em aparências superficiais e a realidade foi marcada pela existência oculta de atos perversos e violentos. Aos olhos da sociedade, Gacy parecia ter uma vida relativamente estável e bem-sucedida.

Gacy era um empresário respeitado na comunidade de Chicago, onde administrava um negócio de reforma de imóveis e era ativo em organizações locais. Fazia parte de diversas instituições públicas incluindo corpo de bombeiros, sempre bem visto e bem recebido pela comunidade local (famílias de políticos e policiais inclusive). Além disso, era casado e tinha dois filhos. Gacy se casou com Marlynn Myers em 1º de junho de 1964, quando tinha 22 anos. Eles tiveram dois filhos juntos, Michael e Christine. À primeira vista, a família parecia ser uma família comum, e Gacy mantinha uma imagem pública de um homem de negócios respeitável e participativo na comunidade local. A relação de John Wayne Gacy com sua esposa e filhos era complexa e marcada por uma fachada de normalidade que encobria os horrores de sua vida secreta, a personalidade de Gacy, que incluía explosões de raiva e manipulação, certamente afetava o ambiente doméstico. Ele era conhecido por ter um temperamento volátil e por exibir comportamento abusivo em casa, o que certamente criava um ambiente de tensão e medo. É amplamente aceito que sua esposa e filhos provavelmente não tinham conhecimento dos crimes de Gacy. Eles viam apenas o lado público de Gacy, que

¹⁰ Gacy foi descrito como tendo uma “distúrbio de personalidade borderline com o subtipo de personalidade psicopática e com episódios de esquizofrenia paranóica subjacente”. Dr Rappaport afirmou que Gacy também tinha uma personalidade psicopática e atribuiu as seguintes características a Gacy: “Grau incomum de autorreferência... grande necessidade de ser amado e admirado... explorador... charmoso na superfície, frio e implacável por baixo... ausência perceptível de sentir remorso e culpa” (Maiken & Sullivan, 1983, p. 253).

demonstrava ser um homem trabalhador e engajado em sua comunidade. Portanto, sua relação com sua família era em grande parte uma aparência superficial de normalidade.

Essa vida dupla permitiu que Gacy ocultasse suas atividades homicidas por um período significativo de tempo. Ele conseguiu manter uma fachada de normalidade diante de amigos, familiares e vizinhos, que não tinham conhecimento dos horrores que estavam ocorrendo nos bastidores de sua vida.

Além de seus crimes hediondos, Gacy também era conhecido por sua personalidade carismática e manipuladora. Ele era habilidoso em estabelecer conexões com os outros e frequentemente usava sua influência para ganhar a confiança de suas vítimas, sua capacidade de persuasão era tanta que quando os policiais passaram dias interrogando-o e seguindo-o, Gacy - na tentativa de dissimular e despistá-los - os convidava para jantar ou tomar café em sua casa durante os interrogatórios. Essa habilidade de manipulação foi um fator crucial em sua capacidade de cometer uma série de assassinatos antes de ser finalmente capturado pela polícia.

Após a prisão de Gacy em dezembro de 1978, sua família foi confrontada com a terrível verdade sobre seus crimes. Marlynn pediu o divórcio em 1976, dois anos antes da prisão de Gacy, e os filhos tiveram que enfrentar as consequências emocionais e sociais de serem associados a um dos serial killers mais conhecidos da história dos Estados Unidos. Apesar de sua família provavelmente não saber dos horrores que ele estava cometendo, eles foram afetados pelas tensões e abusos que ocorriam dentro de casa.

3.1.2 Jeffrey Dahmer

Jeffrey Dahmer, também conhecido como "Canibal de Milwaukee", se tornou junto de John Wayne Gacy, um dos serial killers mais infames e perturbadores da história dos Estados Unidos, suas vítimas se caracterizavam por serem homens entre 14-31 anos, gays, majoritariamente negros e/ou imigrantes. Dahmer, nascido em 21 de maio de 1960, em Milwaukee, Wisconsin, teve uma infância aparentemente comum. No entanto, desde cedo, também demonstrava sinais preocupantes de perturbações e desordens psicológicas. Testemunhas o descreviam como um garoto solitário, introvertido e que tinha dificuldades para se relacionar com os outros. Além disso, mostrava um interesse incomum por animais mortos, o que poderia ser um indicador precoce de desordens psicológicas.

A relação de Jeffrey Dahmer com seus pais durante sua infância e adolescência foi

complexa e tumultuada, influenciada por uma série de fatores que contribuíram para o desenvolvimento de sua personalidade que eventualmente o levou a cometer seus crimes hediondos. Seus pais, Lionel e Joyce Dahmer, enfrentavam desafios em seu relacionamento e na criação de seus filhos. Lionel, um químico, era frequentemente descrito como um pai ausente emocionalmente, mais focado em seu trabalho do que em seu papel como pai. Ele tinha dificuldades para se conectar emocionalmente com seus filhos e muitas vezes parecia distante e desconectado de suas vidas, por outro lado, Joyce, mãe de Dahmer, lutava contra problemas de saúde mental e era emocionalmente instável. Ela sofreu de depressão e ansiedade durante toda a gravidez do irmão de Dahmer e Lionel não concordava que Joyce fizesse uso de todas as medicações prescritas na época, o que acabou gerando conflitos entre os dois e desde então sua relação se manteve instável. Após o nascimento do bebê, as brigas entre Lionel e Joyce se tornaram constantes, devido à sua condição mental, o que afetou tanto o quase inexistente relacionamento de ambos quanto sua capacidade de cuidar dos filhos e de oferecer-lhes o apoio emocional de que precisavam. Lionel a culpabilizava pelo seu estado mental.

Dahmer, por sua vez, sentia-se incompreendido e desvalorizado por seus pais. Ele tinha dificuldades para se relacionar com eles e muitas vezes se sentia isolado e solitário em casa. Sua busca por identidade e pertencimento era frequentemente frustrada pela falta de apoio emocional e orientação de seus pais, ele tinha dificuldade de comunicação e isso abalou sua relação com o pai, que na época era dedicado a sua carreira acadêmica. Dahmer se mudou várias vezes devido a separação dos pais e a briga pela guarda de seu irmão, segundo o próprio Dahmer, sua avó paterna era a única figura presente em sua vida e ele a descrevia como sendo uma de suas pessoas favoritas, tendo ido morar com ela após um longo período servindo ao exército. Essa dinâmica familiar disfuncional contribuiu para o isolamento e alienação de Dahmer durante sua adolescência. Ele se voltou para fantasias mórbidas e comportamentos desviantes como uma forma de lidar com suas emoções e buscar um senso de controle sobre sua vida. À medida que Dahmer crescia, esses comportamentos desviantes se intensificavam. Em 1978, Dahmer cometeu seu primeiro assassinato, matando um jovem para quem havia oferecido carona.

O período em que Dahmer serviu às forças armadas foi uma sugestão de seu pai, após Dahmer passar por momentos difíceis na faculdade e descontar suas frustrações na bebida - comportamento comum em Dahmer desde muito cedo - e serviu para que ele adquirisse muito conhecimento em medicina, pois logo após 2 semanas de serviço, Dahmer foi transferido para a Alemanha para atuar como médico. Essa fase também se mostrou conturbada e Dahmer foi

expulso do exército por beber demais e participar em alguns episódios de confusão com outros colegas de serviço - Dahmer relatou que seu consumo de álcool aumentou muito durante esse período, passando de algumas latinhas para um fardo de cerveja por noite, como aponta George B. Palermo “While overseas, he drank heavily—a six- or twelve-pack of beer a night—and at times other alcoholic drinks. At camp, he was involved in a few fights and yelling matches, for which he was punished.”¹¹ em seu capítulo “Narcissism, Sadism, and Loneliness The Case of Serial Killer Jeffrey Dahmer” do livro “Serial Murder and the Psychology of Violent Crimes” (2008, pág.94).

Durante esse tempo de serviço militar, Dahmer contou que não cometeu nenhum assassinato e que a única atividade sexual na qual se envolveu foi com ele mesmo através da masturbação, isso devido ao medo de retaliação por parte de seus superiores, como podemos observar na seguinte passagem:

His sexual activity, he claimed, was limited to looking at pornographic magazines and masturbating himself. He disclaimed any romantic or non romantic homosexual relations at that time, stating that he was afraid of engaging in any such relations while in the army. In reply to specific questioning, he stated that while stationed in Germany he never killed anybody (Palermo, 2008, pág.94)¹².

Após o seu retorno para os Estados Unidos e sua mudança para a casa da avó paterna, Dahmer continuou tendo muitos problemas com álcool, sendo inclusive preso em três ocasiões diferentes por estar altamente embriagado em local público. Perdeu seu trabalho no banco de doação de sangue da cidade após um ano de serviço por baixa performance e após realizar muitos trabalhos temporários, se estabeleceu em uma fábrica de chocolates local onde permaneceu por sete anos. Palermo conta que durante a estadia de Dahmer com a avó, ele desenvolveu o hábito de frequentar a igreja com ela na tentativa de parar de beber e também deixar de lado seus desejos e comportamentos homossexuais, tal decisão parecia ter surtido efeito durante os dois anos seguintes onde Dahmer não mais bebeu, mas tudo mudou quando recebeu uma oferta de um rapaz em uma biblioteca pública para praticar sexo com ele, e apesar de haver recusado, esse episódio parece ter acionado algum gatilho em Dahmer:

Dahmer claimed that during the time he resided at his grandmother’s he began to go

¹¹ Enquanto estava no exterior, ele bebia muito – um pacote de seis ou doze cervejas por noite – e às vezes outras bebidas alcoólicas. No acampamento, ele se envolveu em algumas brigas e gritos, pelos quais foi punido. (pág.94)

¹² Sua atividade sexual, afirmou ele, limitava-se a olhar revistas pornográficas e se masturbar. Ele negou qualquer relação homossexual romântica ou não romântica naquela época, afirmando que tinha medo de se envolver em tais relações enquanto estava no exército. Em resposta a perguntas específicas, afirmou que enquanto estava vivendo na Alemanha nunca matou ninguém (Palermo, 2008, pág.94)

to church with her, attempting to stop drinking, stop his homosexual behavior, and turn his life around. He claimed that he did not drink for 2 years until one day, while in a public library quietly reading a book, one of the library patrons handed him a note inviting him to have sex with him downstairs in the library bathroom. Even though he had dismissed the offer, he claimed that the episode changed his life for the worse (Palermo, 2008, pág. 94)¹³.

Logo após esse episódio, Dahmer voltou a beber muito e começou a frequentar bares gays, saunas (locais conhecidos por serem frequentados exclusivamente por homens e pelas atividades de sexo homossexual) e livrarias de conteúdo pornográfico. Durante o período em que ainda podia frequentar as saunas, Dahmer voltou a praticar sexo com outros homens e a partir daí, na tentativa de controlar a situação, começou a drogar seus parceiros sexuais com pílulas para dormir diluídas em drinks que ocasionalmente oferecia às vítimas antes de praticar o ato. Após as vítimas adormecerem, Dahmer as sodomizava e deixava o local antes de que elas despertassem com medo de que ele mesmo fosse sodomizado - pois esse teria sido o acordo entre eles - mas quando os responsáveis pelo local perceberam o que estava acontecendo, Dahmer foi terminantemente proibido de frequentar o local e os boatos começaram a se espalhar entre a comunidade gay local.

Proibido de frequentar bares e saunas pelos boatos que se espalharam, Dahmer decidiu sair da casa da avó e morar sozinho no centro da cidade, em relatos para a polícia ele explicou que o motivo maior foi por não mais querer incomodar a avó com seu hábito de consumir muita bebida alcoólica e que procurava um lugar mais próximo ao seu trabalho, entretanto a explicação mais aceita pelos policiais seria a de que a impossibilidade de frequentar esses locais citados acima, teria o deixado sem alternativa para continuar com seus crimes e ele se viu obrigado a se mudar, visto que a avó também já desconfiava de seu comportamento pois durante um período, Dahmer começou a levar rapazes para a sua casa tarde da noite.

O que nos leva ao perfil das vítimas de Dahmer. Ele escolhia suas vítimas principalmente entre jovens rapazes vulneráveis, negros e/ou imigrantes, atraindo-os para sua casa com promessas de dinheiro ou companhia. Uma vez lá, ele os drogava, abusava sexualmente e, por fim, os estrangulava até a morte - podemos notar até aqui grande similaridade com o *modus operandi* de Gacy.

Após cometer os assassinatos, Dahmer costumava realizar uma série de rituais com os

¹³ Dahmer afirmou que durante o tempo em que residia na casa de sua avó, ele começou a ir à igreja com ela, tentando parar de beber, interromper seu comportamento homossexual e mudar sua vida. Ele alegou que não bebeu por 2 anos até que um dia, enquanto estava em uma biblioteca pública lendo silenciosamente um livro, um dos clientes da biblioteca lhe entregou um bilhete convidando-o a fazer sexo com ele no andar de baixo, no banheiro da biblioteca. Mesmo tendo rejeitado a oferta, ele afirmou que o episódio mudou sua vida para pior. (Palermo, 2008, pág. 94).

corpos de suas vítimas, desmembrando-os e praticando atos de necrofilia e canibalismo. Ele também tentava preservar partes dos corpos, muitas vezes utilizando produtos químicos para isso. O comportamento de Dahmer finalmente chamou a atenção das autoridades em 1991, quando um de seus futuros alvos conseguiu escapar e alertou a polícia. Quando a polícia revistou o apartamento de Dahmer, descobriram evidências chocantes de seus crimes, incluindo fotografias e partes de corpos humanos. Dahmer foi preso e, durante o interrogatório, confessou ter assassinado 17 jovens. Apesar de ter sido preso em 1991, a relação de Jeffrey Dahmer com a polícia foi marcada por uma série de interações ao longo de sua vida, desde suas primeiras infrações até sua prisão final por seus crimes hediondos. Dahmer foi preso por pelo menos 3 vezes por crimes envolvendo assédio sexual, mas foi liberado mediante pagamento de fiança ou cumprimento de pequena pena. A polícia sempre se mostrou aberta ao diálogo com ele. O Estado parecia não tomar em conta seu histórico criminal e fazia pouco caso quando denúncias por parte dos vizinhos delataram o comportamento até então tido como suspeito por parte de Dahmer.

Um caso em específico foi tão absurdamente negligenciado que escancarou o racismo e xenofobia por parte do Estado norte-americano. O caso em questão aconteceu quando em 1991, Dahmer atraiu Konerak Sinthasomphone, um adolescente de 14 anos de descendência filipina, para sua casa em Milwaukee, Wisconsin - Dahmer já havia sido condenado pela agressão sexual de seu irmão mais velho na época - ele drogou Konerak e, como fazia com várias de suas vítimas, tentou realizar uma série de práticas horríveis, incluindo agressões sexuais e tentativas de fazer de suas vítimas “zumbis” através de lobotomias improvisadas. Porém, Konerak acabou conseguindo escapar após Dahmer deixar o apartamento, despertando a atenção das filhas de uma das vizinhas - uma mulher negra - que imediatamente chamou a polícia. Infelizmente, a polícia aceitou a história de Dahmer de que Konerak era um rapaz de 19 anos e que os dois possuíam um vínculo amoroso e estavam apenas tendo um desentendimento doméstico. Isso resultou na negligente decisão de deixar Konerak nas mãos de Dahmer, e ele foi levado de volta à casa do assassino, onde acabou sendo assassinado na mesma noite.

Finalmente no mesmo ano, após mais uma das tentativas de Dahmer de atrair e matar outra de suas vítimas, a polícia de Milwaukee novamente teve a chance de prendê-lo e encerrar sua série de crimes. A vítima que felizmente conseguiu escapar teria sido Tracy Edwards, um homem negro e gay morador do mesmo bairro e frequentador de uma das boates voltadas para o público homossexual do bairro. Tracy, após conseguir escapar, levou dois policiais que faziam ronda pela vizinhança até o apartamento de Dahmer. Lá, os policiais

encontraram evidências chocantes de seus crimes, incluindo fotografias de vítimas e partes de corpos humanos. Dahmer foi preso imediatamente e enfrentou acusações por uma série de crimes hediondos.

Após sua prisão, especialistas em psicologia forense e psiquiatria examinaram o caso de Dahmer em busca de insights sobre sua condição psicológica. Um dos diagnósticos mais comuns atribuídos a Dahmer foi o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPA), anteriormente conhecido como sociopatia. O TPA é caracterizado por um padrão de desrespeito pelos direitos dos outros, falta de empatia e remorso, manipulação e comportamentos irresponsáveis. Essa condição é frequentemente associada a comportamentos criminosos e violência. Além disso, alguns especialistas sugeriram que Dahmer também poderia ter sofrido de transtornos de identidade sexual, que envolve uma confusão ou instabilidade em relação à própria orientação sexual ou identidade de gênero, sabendo que Dahmer tinha atração sexual por homens mas não aceitava. Outro diagnóstico teria sido Psicose, embora este seja mais controverso. A psicose é uma condição mental em que uma pessoa perde o contato com a realidade, experimentando alucinações, delírios e pensamentos desorganizados. Embora não haja evidências concretas de que Dahmer tenha experimentado Psicose, alguns de seus comportamentos e fantasias podem sugerir uma desconexão com a realidade.

Em resumo, esses diagnósticos refletem a complexidade de sua condição psicológica e o papel que ela desempenhou em seus crimes e seu comportamento.

3.1.3 Ted Bundy

Theodore Robert Bundy, nasceu em 24 de novembro de 1946, conhecido por cometer uma série de assassinatos brutais nas décadas de 1970 era reconhecido por ser extremamente carismático, usava sua aparência e habilidades sociais para atrair suas vítimas, geralmente mulheres, graduandas, brancas, em média 20-25 anos. Ele era conhecido por seu *modus operandi* meticuloso e cruel, muitas vezes se passando por uma figura de autoridade, como um policial, para ganhar a confiança de suas vítimas antes de atacá-las.

Bundy se envolveu na política ainda jovem, fez de tudo para se tornar influente e bem quisto, se formou em psicologia e cursou direito durante um tempo, possuía muitos contatos do meio público como, políticos influentes, advogados e jornalistas.

Sobre sua infância e adolescência, Ted Bundy relata que teve uma criação considerada normal, sem evidências de abusos ou traumas significativos. No entanto, testemunhas relatam

sobre Bundy ter tido muitos problemas de socialização na infância e adolescência. Ele cresceu em uma família de classe média em Tacoma, Washington. Sua mãe era Eleanor Louise Cowell e seu pai desconhecido. Inicialmente, Eleanor criou Ted na casa de seus pais como sendo seu irmão, logo depois casou-se com Johnnie Bundy, que adotou Ted e deu seu sobrenome a ele, conforme descrito por Katherine Ramsland em seu artigo “The Many Sides of Ted Bundy”.

“Born to Louise Cowell in a home for unwed mothers on November 24, 1946, Bundy was raised in Philadelphia with his mother's parents--as her brother. In 1950, Louise took him to Tacoma, Washington, where she married Johnnie Bundy. To psychologists, Bundy claimed he'd had a stable childhood with caring, church-going parents. His grandfather had been rough, but Bundy recalled only good memories. Eventually he discovered the humiliating fact that he was a bastard.” (Ramsland, 2013, pág.1).¹⁴

Bundy se descrevia como sendo um aluno inteligente e sociável na escola, entretanto segundo testemunhas que conviveram com ele durante a juventude - puberdade - afirmaram que Bundy sempre foi muito excluído e deslocado socialmente, e mal se enturmava com o restante dos jovens. Bundy frequentou a Universidade de Puget Sound e a Faculdade de Direito de Stanford em 1969 e 1970, mas não concluiu seu curso lá. Embora não tenha completado seus estudos nessas instituições, o período de graduação de Bundy foi marcado por uma série de eventos e comportamentos que, em retrospectiva, fornecem alguns esclarecimentos sobre sua personalidade e padrões de comportamento. Bundy também frequentou a Universidade de Washington onde obteve um diploma de bacharel em Psicologia em 1973. Este diploma é significativo porque muitos especialistas em criminalística e psicologia criminal acreditam que sua formação em psicologia tenha contribuído para sua habilidade de manipulação e para sua compreensão dos aspectos mentais e emocionais de suas vítimas. Ele se destacou academicamente e durante seus anos universitários, Bundy parecia ser um estudante normal e até mesmo carismático.

Entretanto, essa versão carismática e engajada de Bundy não era real, estudiosos do caso afirmam que devido seu histórico na adolescência, seu comportamento amistoso e sociável na verdade era uma tentativa de se sobrepor ao seu sentimento de insegurança e rejeição, isso fez com que Bundy, na tentativa de aumentar o seu status social, se envolvesse em atividades estudantis e políticas, participando e se dedicando radicalmente às campanhas eleitorais e mostrando interesse em assuntos sociais, Bundy também namorou uma moça de

¹⁴ Filho de Louise Cowell, nascido em um lar para mães solteiras, em 24 de novembro de 1946, Bundy foi criado na Filadélfia com os pais de sua mãe – como irmão dela. Em 1950, Louise o levou para Tacoma, Washington, onde se casou com Johnnie Bundy. Aos psicólogos, Bundy afirmou que teve uma infância estável, com pais carinhosos e frequentadores da igreja. Seu avô era rude, mas Bundy só tinha boas lembranças. Eventualmente ele descobriu o fato humilhante de que ele era um filho bastardo.” (Ramsland, 2013, pág.1).

classe alta cujos pais eram altamente influentes na região, mas o relacionamento não durou e Bundy se sentiu extremamente rejeitado após Diane terminar o namoro, de acordo com Ramsland:

Highly insecure, Bundy sought to raise his status. He graduated college with honors, dated a classy young woman, and comported himself so well during a political campaign that some friends thought he'd run for office. But then his girlfriend dumped him. (Ramsland, 2013, pág. 1).¹⁵

Quanto à sua vida política, Bundy não ocupou cargos políticos significativos, entretanto se envolveu ativamente em questões públicas participando como voluntário em campanhas eleitorais durante seus anos universitários. Se considerava Republicano e apoiava Richard Nixon¹⁶, dizia que a agenda liberal norte-americana o ofendia e se posicionava contra os “radicais socialistas” argumentando que eles só queriam depredar prédios e destruir universidades, no mais, sua vida pública foi mais notável por suas interações sociais e aparência de normalidade, que ele usava habilmente para se infiltrar na confiança de suas vítimas. Após sua graduação em Psicologia, Bundy deu início ao seu histórico criminal. Suas vítimas foram sequestradas, estupradas e assassinadas brutalmente ao redor de sete ou mais estados dos Estados Unidos durante a década de 1970, a partir daí, podemos abordar um pouco mais sobre as características de suas vítimas.

Para iniciar este trecho, voltaremos um pouco no tempo para falar sobre a construção da orientação sexual e identidade de gênero de Bundy e também sobre o curto relacionamento dele com Diane Edwards.

Ted se considerava heterossexual e se identificava como um homem cisgenero. Diane e ele se conheceram em 1967, enquanto ambos estudavam na Universidade de Washington, em Seattle. Seu relacionamento durou cerca de um ano, e Diane acabou rompendo com Bundy porque ela sentia que ele estava se tornando cada vez mais distante e obsessivo, sua segunda namorada Liz Kendall relatou o mesmo comportamento ciumento e possessivo em Bundy. Alguns relatos afirmam que Bundy ficou profundamente afetado pelo fim do relacionamento com Diane e isso pode ter influenciado suas ações futuras (Ramsland, 2013), pois logo após o término, o sentimento de rejeição do passado volta a assombrar Bundy e ele começa a desenvolver desejos de vingança contra Diane. Logo em seguida, as ondas de

¹⁵ Altamente inseguro, Bundy procurou aumentar seu status. Ele se formou na faculdade com louvor, namorou uma jovem elegante e se comportou tão bem durante uma campanha política que alguns amigos pensaram que ele iria concorrer a um cargo público. Mas então a namorada dele o largou. (Ramsland, 2013, pág.1).

¹⁶Richard Nixon foi o 37º presidente dos Estados Unidos (1969 a 1974). Político de direita, pertencente ao Partido Republicano. Suas políticas e posicionamentos ao longo de sua carreira refletiam uma perspectiva conservadora, especialmente em questões de direitos civis e movimentos feministas, política externa e economia.

sequestro e assassinato surgem.

Bundy se descrevia como um apreciador de mulheres, dizia possuir mais amizades com mulheres do que com homens, segundo o próprio, cerca de 60% dos seus vínculos amistosos eram com mulheres, “eu aprecio mulheres” foi uma de suas declarações durante os interrogatórios. Em contrapartida, quando questionado sobre como ele via suas vítimas, declarou que as enxergava como mulheres jovens e atraentes, definia as mulheres em geral como posses, seres geralmente subordinados aos homens, “mulheres são mercadoria” disse Bundy em uma das fitas gravadas durante seus inúmeros interrogatórios. Bundy relatou ter o hábito de consumir muita pornografia desde jovem, e que começou a relacionar os atos sexuais praticados pelas atrizes, com violência. Isso, segundo ele, trazia um misto de sentimentos como: raiva, frustração, ansiedade, baixa auto estima, e juntamente com a sensação de ser traído, injustiçado e se sentir inseguro, todos esses sentimentos, segundo Bundy o levaram a decidir que mulheres jovens e atraentes seriam suas vítimas.

Ele chegou a afirmar que o aspecto sexual dos crimes só era importante *apenas* em um contexto mais amplo, definido por ele como “possessão, controle e violência”. O alívio sexual no caso de Bundy era o principal objetivo, matar além de ser um meio de se livrar das evidências, também satisfazia o desejo por violência.

Bundy foi responsável por uma série de assassinatos - 36 confessos - especialistas no caso estimam que a quantidade real possa ultrapassar 100, seus crimes foram cometidos em vários estados norte-americanos, incluindo Washington, Utah, Colorado e Flórida. Ele escapou duas vezes após ser preso por seus crimes antes de ser finalmente capturado em 1978. Durante seu julgamento, Bundy foi condenado por vários assassinatos e acabou sendo sentenciado à morte. Ele passou anos apelando de suas sentenças de morte, mas eventualmente foi executado na cadeira elétrica em 24 de janeiro de 1989.

No campo da psicopatologia e da teoria crítica, a interseção entre gênero, poder e saúde mental tem sido um tema de crescente interesse e debate. Nesta etapa do nosso trabalho, abordaremos os complexos vínculos entre os dispositivos de gênero, os processos de subjetivação dos sujeitos e o desenvolvimento das psicopatologias, utilizando uma abordagem interdisciplinar que integra os conceitos de Michel Foucault e Jacques Lacan. Além disso, contextualizamos essa análise dentro das características do sistema patriarcal norte-americano, conforme delineado pelos estudos de Bell Hooks.

Primeiro, exploramos os dispositivos de gênero como mecanismos de poder que moldam e regulam as identidades e comportamentos dos indivíduos dentro de uma sociedade. E inspirados pelo trabalho de Michel Foucault, examinamos como as normas, instituições e

práticas sociais constroem e reforçam as categorias de gênero, criando assim um campo de possibilidades e restrições para os sujeitos. Destacamos como esses dispositivos não apenas influenciam a forma como os sujeitos se veem e são vistos, mas também moldam suas experiências emocionais, cognitivas e corporais.

Em seguida, adentramos no âmbito da psicopatologia, utilizando as lentes teóricas de Jacques Lacan para examinar os processos de subjetivação dos sujeitos e o surgimento de distúrbios mentais. Destacamos como Lacan concebe o inconsciente como estruturado pela linguagem e como os sintomas psicopatológicos podem ser entendidos como expressões simbólicas de conflitos inconscientes. Analisamos como as dinâmicas de poder e as normas de gênero internalizadas podem contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais, como depressão, ansiedade e transtornos de identidade de gênero.

Por fim, contextualizamos nossa análise dentro do contexto do sistema patriarcal norte-americano, explorando as contribuições de Bell Hooks para nossa compreensão das estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero e influenciam a saúde mental das pessoas. Examinamos como as hierarquias de gênero e as expectativas sociais relacionadas ao sexo impactam negativamente a saúde mental e a vida das mulheres, dos homens e de pessoas que fogem a norma binária, cisgênero e heterossexual de mundo, perpetuando assim ciclos de opressão e sofrimento psicológico.

4 OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, OS DISPOSITIVOS DE GÊNERO E AS PSICOPATOLOGIAS: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR

Para darmos início à análise, introduziremos primeiro os aportes desenvolvidos por Judith Butler em “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade” (2018) a respeito dos Dispositivos de Gênero e como eles afetam no processo de subjetivação dos sujeitos. Em seguida, analisamos o conceito de *subjetivação* desenvolvido por Foucault em seu trabalho “História da Sexualidade I: A vontade de saber” (1988) onde o autor aborda o conceito ao analisar as relações entre poder, saber e prazer na formação da subjetividade. Ele destaca como o poder utiliza mecanismos de produção de verdade, como a confissão e a medicalização da sexualidade, para exercer controle sobre os indivíduos, influenciando a maneira como estes se percebem e se relacionam com seu corpo e desejos. Através de uma análise do poder-saber-prazer, Foucault busca compreender como as práticas e discursos sociais moldam e constroem a subjetividade dos indivíduos em diferentes contextos históricos. Por fim, relacionamos ambos com o desenvolvimento das psicopatologias segundo

Lacan, utilizando sua obra “O Seminário Livro 3: as Psicoses” (2002).

4.1 OS DISPOSITIVOS DE GÊNERO

Butler desenvolve o conceito de dispositivo de gênero ao analisar as práticas que regulam e constroem a identidade de gênero. A autora destaca que as práticas que regulam e constroem a identidade de gênero são aquelas que geram identidades coerentes por meio de uma matriz de normas de gênero coerentes. A heterossexualidade compulsória, as normas de gênero binárias e as práticas discursivas que sustentam essas construções representam alguns dos dispositivos de gênero que moldam as identidades e restringem as possibilidades de expressão de gênero nas sociedades. Ela menciona que a heterossexualização do desejo requer a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre "feminino" e "masculino" e que a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de "identidade" não possam existir, como aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do "sexo" nem do "gênero"

Ela mostra como essas práticas operam como sistemas reguladores que buscam impor e reificar categorias de gênero heteronormativas. Butler questiona a ideia de uma identidade de gênero fixa e natural, argumentando que o gênero é uma construção cultural e performática, em vez de algo inerente ou biológico. Dessa forma, ela problematiza as normas de gênero e como elas são mantidas e reproduzidas dentro da sociedade.

Até mesmo os processos de criação de identidade são questionados pela autora, ela vê a construção da identidade como uma prática regulada pelo gênero e pelas normas culturais. Ela questiona a ideia de uma identidade fixa e coerente, argumentando que as práticas que governam o gênero também moldam as noções culturalmente inteligíveis de identidade. Para Butler, a coerência e a continuidade da identidade não são características intrínsecas da pessoa, mas normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. Ela explora como as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero influenciam a auto identidade e a continuidade ao longo do tempo. Butler destaca que a identidade é um ideal normativo produzido por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, e que a emergência de indivíduos com identidades "incoerentes" ou "descontínuas" desafia as normas de inteligibilidade cultural estabelecidas (Butler, 2018).

Sendo assim, tanto para Butler quanto para Foucault, a **identidade** é um regime de saber-poder, então a busca pela identidade - fixa e coerente - seria limitadora.

Tal percepção nos permite então concluir que, os indivíduos que são **obrigados** a

terem uma identidade coerente, como por exemplo, cisgeneridade, heterossexualidade, comportamentos binários de acordo com o seu gênero, através do exercício do poder que emana das instituições reguladoras, estão muito mais suscetíveis ao sofrimento psicológico e a desenvolverem distúrbios de identidade por não se sentirem “completos” ou pela sensação de não pertencimento. Essa discriminação de si mesmo gera um tipo de internalização do inimigo (Fanon, 1979), esse processo é capaz de gerar no indivíduo um ódio de si mesmo e de tudo aquilo que se é negado a ele, sua própria identidade, uma auto-alienação e um processo de submissão ao sistema que o oprime.

Esse processo de autopercepção, ou subjetivação, é a porta que se abre para o sujeito e o convida a se relacionar consigo e com o mundo, analisamos esse processo a seguir.

Não é de hoje que tanto as Ciências Sociais quanto a Psicanálise e a Psicologia se preocupam em como o ambiente em que vivemos afeta nossa saúde mental. Apesar deste trabalho não se tratar inteiramente sobre isso, é extremamente importante entender esses processos para que a questão que nos propomos a estudar aqui fique o mais claro possível.

No início deste trabalho, apresentei a questão central que me guiou durante toda a trajetória do desenvolvimento dessa pesquisa, me propus a entender e explicar como a interação entre os processos de subjetivação, os dispositivos de gênero e o surgimento de psicopatologias se manifestaram na trajetória dos assassinos em série Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer durante as décadas de 1970 a 1990, dentro do contexto patriarcal dos Estados Unidos, e de que forma esses elementos impactaram suas escolhas de vítimas.

A partir disso, analisamos os processos de subjetivação dos sujeitos, dando especial atenção ao gênero masculino, nos guiando sob a ótica foucaultiana a fim de compreender como acontecem os processos de compreensão de si mesmo e do ambiente que nos permeia. Tomando em consideração a influência do sistema patriarcal e os dispositivos de gênero que o acompanham, vamos analisar como essas interações impactam o nosso subconsciente, originando estados de adoecimento mental e em alguns casos, desvios de comportamento.

4.2 OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Falar sobre subjetivação requer que primeiro entendamos a visão sobre repressão e o conceito de dispositivos de poder presentes nas obras de Foucault. Em sua análise sobre o poder e a sexualidade, Foucault argumenta que o poder não apenas reprime, mas também produz e regula formas de prazer e sexualidade na sociedade. Ele discordava por exemplo da

ideia de que há um único "discurso de repressão sexual" em nossa sociedade, pois sua análise vai além de uma visão simplista de repressão versus liberação. Ele nos introduz também o conceito de Poder Negativo (interdita através do NÃO) e Poder Positivo (estimula, diz SIM).

Foucault sugere que, ao longo da história, houve diferentes formações discursivas em torno da sexualidade, cada uma com seus próprios mecanismos de poder e técnicas de regulação. Por exemplo, em sua obra "História da Sexualidade", ele reivindica que a sexualidade foi objeto de uma "incitação à fala" através do Poder Positivo, em vez de ser apenas reprimida pelo Poder Negativo, durante o século XIX, mais especificamente durante a Era Vitoriana na Europa ocidental. Nessa época, houve uma proliferação de discursos médicos, psicológicos, educacionais e jurídicos que buscavam categorizar, classificar e normalizar a sexualidade através da confissão, e através dessa incitação a confissão, a sexualidade seria condenada ou normalizada. Através das diversas instituições onde a confissão se tornou regra - psiquiatria, psicologia e etc - normas sexuais se normalizaram, e isso também é prejudicial. Ele também introduz o conceito de "biopoder", que se refere aos mecanismos de poder que visam regular não apenas os corpos individuais, mas também as populações como um todo. Em outras palavras, para ele, a sexualidade seria um dispositivo de poder, pois constitui saberes e práticas, nesse sentido, a regulação da sexualidade pode ser vista como parte de estratégias mais amplas de controle social e governança. Em sua obra já citada, Foucault traz cinco estratégias de normalizar a sexualidade, sendo elas:

- Histericização da mulher
- Pedagogização da criança (transformar cada vez mais as crianças em objetos sexuais)
- Socialização médica
- Psiquiatrização dos prazeres perversos
- Aliança e sexualidade

Foucault (1988) reconhece que existem formas de poder que buscam regular e controlar a sexualidade, ele argumenta que essas práticas são multifacetadas e variam ao longo do tempo e do espaço, um exemplo disso seriam as instituições religião-Estado-família. O ato da confissão na igreja católica, por exemplo, funciona como um exame da consciência, normalizando ou condenando determinadas práticas, sendo conceituado por Foucault como *o poder pastoral e a prática da penitência*. Foucault discute o poder pastoral em relação à prática da penitência ao analisar como a confissão e o exercício do poder através dela são essenciais para a constituição do sujeito e da subjetividade. O poder pastoral refere-se à forma

como a autoridade eclesiástica busca controlar e regular a conduta dos fiéis, monitorando seus pecados, desejos e pensamentos, orientando-os para uma vida moralmente correta. A prática da penitência, dentro desse contexto, envolve a confissão dos pecados aos responsáveis religiosos, seguida de orientações, exames de consciência detalhados e direcionamentos espirituais. Por meio da confissão e da penitência, a Igreja busca exercer controle sobre a interioridade dos indivíduos, influenciando diretamente sua forma de pensar, desejar e agir.

Esses mecanismos de poder-pastoral, presentes na prática da penitência, são abordados por Foucault como parte dos dispositivos através dos quais o poder se insere nas relações individuais e sociais, moldando a subjetividade e a moralidade dos indivíduos. A confissão torna-se assim um instrumento de controle e produção da verdade sobre si mesmo, enraizando-se na história das práticas de poder-saber.

Essas noções do “socialmente aceito” em relação ao sexo-prazer que constituem um discurso controlador e que foram transformadas em normas, segundo Foucault estão tão profundamente enraizadas que ainda hoje seria difícil afirmar que estamos livres ou minimamente protegidos de tais influências, como ele afirma no seguinte trecho:

Dir-me-ão que, se há tanta gente, atualmente, a afirmar essa repressão, é porque ela é historicamente evidente. E que se falam com uma tal profusão e há tanto tempo, é porque essa repressão está profundamente firmada, possui raízes e razões sólidas, pesa sobre o sexo de maneira tão rigorosa, que uma única denúncia não seria capaz de liberar-nos; o trabalho só pode ser longo. E tanto mais longo, sem dúvida, quanto o que é próprio do poder — e, ainda mais, de um poder como esse que funciona em nossa sociedade — é ser repressivo e reprimir com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares. (Foucault, 1988, pág.11).

Foucault (1988) identifica três grandes estratégias de poder em sua análise:

1. Soberania: a soberania representa a forma tradicional de exercício do poder, marcada pela prerrogativa do direito de vida e morte do soberano sobre seus súditos. Era a capacidade do soberano de impor a lei e exercer sua autoridade de forma absoluta sobre os indivíduos. No entanto, com o surgimento de novas formas de poder, a soberania foi se transformando e dando lugar a outras estratégias de controle social.
2. Disciplina: uma técnica específica de poder que se desenvolveu na modernidade, visando controlar e regular os corpos e comportamentos dos indivíduos. Envolve práticas de vigilância, correção, normalização e hierarquização, presentes em instituições como escolas, exércitos, prisões e hospitais. A disciplina busca moldar os indivíduos de acordo com normas e padrões instituídos, visando à eficiência e à produção de subjetividades obedientes.

3. Biopolítica: o modo pelo qual o poder estende seu controle para além dos corpos individuais, passando a regular aspectos da vida em nível populacional. A biopolítica se concentra na gestão da vida, saúde, natalidade, longevidade e aspectos biológicos da sociedade. Ela se manifesta em políticas públicas, intervenções médicas, controle da reprodução e outras práticas que visam gerir a vida em seu âmbito coletivo. (Foucault, 1988, págs. 131 e 132).

A soma da segunda e terceira estratégia teria como resultado o que Foucault chamou de *biopoder*.

O racismo, como ideia de *morte*, seria o perfeito exemplo da estratégia da soberania. Quem pode ser morto pelas instituições? pelo Estado? Grupos marginalizados.

O processo de marginalização de determinados grupos sociais, segundo Foucault, se constrói através desses três eixos que abordamos mais acima: a produção da verdade, o controle dos corpos e a regulação da sexualidade. Esses três eixos têm sido amplamente utilizados há séculos para estigmatizar e marginalizar determinadas práticas sexuais e identidades de gênero.

Através desse processo de exclusão e marginalização, processos de subjetivação foram construídos com base no olhar masculino de mundo, comportamentos, identidades e sexualidades foram e são moldados sob a ótica do homem branco hétero e cisgenero, sendo assim, qualquer coisa que transgrida ou cruze um limite estabelecido por esse sistema, será concebida como criminosa, passível de punição e deve ser imediatamente e a qualquer custo rechaçada, como interpreta Foucault:

Explicam-nos que, se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável: seria necessário nada menos que uma transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder; pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente. (Foucault, 1988, pág.7).

Outro argumento que ajuda a embasar a hipótese apresentada neste trabalho, foi estruturado por Paul Preciado, onde ele afirma que:

Todo corpo é potencialmente desviado, considerado como um “indivíduo” que deve ser corrigido e, por isso, deve circular através de um conjunto de arquiteturas políticas

(espaço doméstico, escola, hospital, quartel, fábrica etc.) que garantam a sua normalização. Sem uma espacialização política do corpo (verticalização, privatização do ânus, controle da mão masturbadora, sexualização dos genitais etc.), sem uma gestão do espaço e da visibilidade do corpo num espaço público, não há subjetivação sexual. (Preciado, 2017, pág.12).

Estabeleceu-se então a partir desse controle do outro, algo a ser combatido, melhor dito, identidades subversivas ou contra-identidades a serem rejeitadas a partir das referências do que era considerado normal perante as normas impostas por esses dispositivos de gênero. Isso deu origem ao que podemos chamar de sociedade da hipervigilância e da segurança, uma sociedade que cria dispositivos para se proteger contra ela mesma, que busca combater comportamentos e indivíduos considerados perigosos: homossexuais, travestis, transgeneros, drogados, criminosos entre outros.

Para entendermos melhor como o processo de subjetivação a partir desse modelo controlador e normatizador da sexualidade nos afeta, façamos a seguinte pergunta: O que nos diferencia dos animais? Segundo a psicanálise, o que nos diferencia dos animais é o instinto. Enquanto no reino animal os seres possuem instinto - inato, conjunto de comportamentos programados - desde o seu nascimento, nós, seres humanos possuímos cultura, um conjunto de comportamentos estabelecidos socialmente através do modelo de identificação com o *outro*, sendo assim, tomamos o outro como referência, seus comportamentos, símbolos, linguagem, enfim, tudo. Entretanto, a cultura estabelece tanto um processo de identificação quanto um processo de contra-identificação, estabelecendo aquilo que é o não desejado, aquilo que não se deve ser. Fanon traz aportes muito interessantes pensando na colonização como um desses processos de contra-identificação, e conseqüentemente processos de criação de sofrimento psíquicos.

O conceito de "internalização do inimigo" apresentado em sua obra "Os Condenados da Terra" (1979) nos ajuda a entender melhor como a colonização afetou e afeta os processos de subjetivação dos sujeitos. Nesta obra, Fanon discute os efeitos psicológicos e sociais do colonialismo e da descolonização, bem como as dinâmicas de opressão e resistência em contextos coloniais. O conceito de "internalização do inimigo" refere-se ao processo pelo qual os indivíduos subjugados por sistemas de opressão, como o colonialismo, internalizam as visões e valores do colonizador, muitas vezes incorporando essas ideologias opressivas em suas próprias identidades e relações sociais. Esse processo pode levar à auto-ódio, alienação cultural e submissão aos sistemas de poder dominantes. O autor argumenta que a internalização do inimigo é uma estratégia de dominação que permite aos colonizadores

perpetuar seu controle sobre as populações colonizadas mesmo após a independência política formal, demonstrando que o colonialismo molda não apenas as estruturas políticas e econômicas, mas também as estruturas psicológicas e sociais das sociedades colonizadas, resultando em divisões internas e conflitos identitários.

Nela, Fanon estabelece e explica essa diferença entre *instinto versus modelo* que abordamos mais acima, e apresenta também sua reflexão sobre o processo de identificação e rejeição que o sistema colonial criou para dominar e controlar as populações colonizadas. Como exemplo disso podemos citar novamente o racismo, a utilização do homem branco como referência ideal do *Eu* e o negro como objeto fóbico - o misto entre desejo e repulsa - que da origem à desumanização do negro, devido a relação criada e estabelecida pelo homem branco entre o negro e o pênis, sendo o pênis (juntamente com a boca, ânus e vagina) objeto (parcial) de gozo/prazer e portanto descartável. Estabelece-se então pelo colonizador essa diferença entre o *objeto parcial de gozo* e o sujeito total, merecedor de amor e portanto respeitável, digno de reconhecimento, aquele considerado humano, o homem branco cisgenero e heterossexual.

Portanto, o processo de subjetivação dos sujeitos passa por diversas e distintas camadas de repressão e opressão, a internalização do inimigo juntamente com o processo de identificação e rejeição cria alvos a serem não só combatidos como eliminados, tanto no interior (nós) como no exterior (o outro). Essa hipervigilância é responsável, entre outras coisas, pelo adoecimento da população, especialmente da população LGBTQIA + e negra - entre outros grupos minoritários - ao redor do mundo. O adoecimento dessas pessoas traz consigo o desenvolvimento de distúrbios mentais como: depressão, ansiedade, transtornos de identidade e comportamentos de risco.

Um estudo desenvolvido por Ilan H. Meyer (2003) e sua equipe demonstrou consistentemente que o estresse relacionado à identidade de minorias sexuais, como discriminação, preconceito e estigma, está associado a uma série de problemas de saúde mental, como as que mencionamos acima. Esse estresse experimentado exclusivamente por esse grupos foi conceituado por ele como “Teoria do Estresse Minoritário” (MEYER, 2003) e pontua três tipos de estresses:

- Experiências de vitimização (preconceito, violência, rejeição e agressão)
- Homofobia Internalizada (ideias aversivas)
- Ocultação da orientação sexual

Essa dinâmica do sofrimento, que perpassa pela discriminação, preconceito e estigma, faz com que o sujeito passe a esconder aspectos de si para atender expectativas sociais, dando origem a um processo de despersonalização, perda da própria identidade por conta da invasão de afetos não simbolizados. Isso abre espaço para uma vitimização e compulsão à dor, uma alienação negativa e auto perseguição ao corpo nos casos de pessoas homossexuais, travestis e transgeneros.

Para melhor explicar esse processo que dá origem aos distúrbios da mente, olharemos através dos olhos do psicanalista francês Jacques Lacan.

4.3 OS TRANSTORNOS DA MENTE

Lacan abordou o desenvolvimento das psicopatologias ao longo de várias de suas obras, mas uma das mais influentes e que trata diretamente desse tema é "O Seminário, Livro 3: As Psicoses" (2002), que usaremos para analisar os três casos estudados neste trabalho.

Este seminário, apresentado por Lacan em 1955-1956, é dedicado à análise das psicoses mas também se aplica a outras formas de psicopatologias. Neste seminário, o autor explora de forma detalhada suas concepções sobre a estrutura do sujeito, o funcionamento do inconsciente e os mecanismos psíquicos que contribuem para o surgimento das psicopatologias. Ele introduz conceitos fundamentais, como o "registro simbólico", o "registro imaginário" e o "registro real", que são cruciais para sua compreensão da mente humana e das dinâmicas psicopatológicas pois, para ele, os distúrbios psicopatológicos eram vistos como resultantes de conflitos entre esses três registros, com o sujeito muitas vezes tentando escapar do Real angustiante por meio de construções imaginárias ou simbólicas.

A função do Outro na constituição do sujeito também é especialmente fundamental, referindo-se tanto à figura materna primordial quanto à linguagem e à cultura mais amplas. Ele via muitos distúrbios psicopatológicos como relacionados a falhas na relação com o Outro, incluindo a questão do narcisismo, resultando em um senso de alienação ou desamparo. O processo de desenvolvimento das psicoses, segundo Lacan, perpassa por uma série de fenômenos, listamos aqueles que ele considerava mais importantes:

1. **Estrutura Psíquica Tripartite:** Como já abordado, Lacan descreve a estrutura psíquica do sujeito em termos de três registros interconectados: o Real, o Simbólico e o Imaginário. Ele argumenta que é a falha na integração ou na relação harmônica entre esses registros que pode levar ao surgimento das psicoses.

2. **Estádio do Espelho:** Lacan enfatiza a importância do estágio do espelho no desenvolvimento da identidade do sujeito. Ele sugere que a psicose pode resultar de uma falha ou ruptura neste estágio, onde a identificação com a imagem especular é perturbada, levando a uma relação distorcida com a própria imagem corporal e com o mundo externo.
3. **Incorporação do Outro e o Nome-do-Pai:** Lacan destaca a importância do processo de incorporação do Outro na formação do sujeito e na estruturação do desejo. Ele sugere que a psicose pode resultar de uma falha na simbolização do Nome-do-Pai, que é responsável por introduzir a lei e a ordem no campo psíquico, organizando assim o universo simbólico do sujeito.
4. **Desencadeamento:** Lacan sugere que o desencadeamento das psicoses pode ocorrer em momentos de transição ou crise, quando o sujeito é confrontado com eventos traumáticos, estressores emocionais ou mudanças significativas em sua vida. Esses eventos podem servir como gatilhos para a emergência dos sintomas psicóticos.
5. **Psicose como Forclusão do Nome-do-Pai:** Em sua teoria, Lacan introduz o conceito de "forclusão" para descrever o processo pelo qual o Nome-do-Pai é excluído do campo simbólico do sujeito. Ele sugere que a psicose resulta da forclusão do Nome-do-Pai, o que leva à ausência de uma estrutura simbólica sólida e à perda do contato com a realidade compartilhada. (Lacan, 2002).

Lacan aborda o conceito do Outro em sua obra, destacando a distinção entre o "Outro" com A maiúsculo e o "outro" com a minúscula. O Outro com maiúsculo refere-se a um sujeito que não é conhecido, conectado à natureza do simbólico, representando um elemento além do visível, ao qual nos dirigimos para além do que se vê. Já o "outro" com minúsculo está relacionado ao outro imaginário, à alteridade em espelho que nos faz depender da forma de nosso semelhante. Essa distinção é fundamental na compreensão da dialética do delírio conforme proposto por Lacan. Ele ressalta que a questão essencial está no afastamento e na abertura causada por essas duas relações, onde toda a dinâmica do delírio deve ser situada. É importante compreender como esses conceitos interagem e influenciam a subjetividade e a construção do *eu* no campo psicanalítico para que assim possamos relacioná-la e melhor entendê-la com os processos de subjetivação de Foucault.

Para o autor, assim como para Foucault, as identidades masculino e feminino não se trata sobre sexo e sim sobre a posição subjetiva que o sujeito se coloca no discurso. Para ele a diferença sexual não tem a ver com anatomia, gênero seria a manifestação

simbólica/imaginária do *eu*, masculino e feminino respondem a fantasias diante do desejo do Outro, enquanto o masculino é falocêntrico, o feminino está além do falo, essa constatação fica evidente no seguinte trecho:

Os estudos pormenorizados que Freud faz sobre esse assunto são densíssimos. Nomearei alguns deles - *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos, Sexualidade feminina, A dissolução do complexo de Édipo*. O que eles fazem aparecer? - se não isto: que a razão da dissimetria se situa essencialmente ao nível simbólico, que ela depende do significante. (Lacan, 2002, pág. 201)

O que o autor pretende deixar dito com isto é que, a questão do masculino e do feminino está disposta sob a perspectiva da estrutura simbólica e do complexo edípico. Ele explora a importância da presença do terceiro elemento, o pai como figura simbólica, para a definição e compreensão do masculino e do feminino.

Ademais, Lacan destaca que a realização do complexo edípico é essencial para a definição do masculino e feminino. No caso da mulher, a identificação com o objeto paterno desempenha um papel significativo, destinando-lhe um desvio suplementar em relação à identificação com a mãe. Para o homem, esse caminho é descrito como mais complexo, evidenciando as dissimetrias entre os sexos e a estruturação do Édipo.

Sob a perspectiva lacaniana, a função do *eu* nos histéricos, tanto masculinos quanto femininos, está intrinsecamente relacionada à relação do sujeito com o significante e à busca pela identificação fundamental, e essa relação se mostra diferente no processo de identificação masculino e feminino, destacando a importância da ordem simbólica na definição dos papéis de gênero e na estruturação da subjetividade.

Como podemos ver, o processo de desenvolvimento das psicoses/neuroses pode ser resumido em eventos estressores devido a ausência do Outro, significante, como vimos mais acima, em que o indivíduo experimenta na infância e ao longo de sua vida durante o processo de subjetivação, eventos ou situações difíceis, que deixam marcas mentais nos quais, posteriormente, podem desencadear distúrbios mentais, em casos mais graves, como os estudados neste trabalho, levam os sujeitos a atuarem sobre seus desejos reprimidos.

Relacionando os conceitos de Lacan sobre o desenvolvimento das psicopatologias com a análise do sistema patriarcal norte-americano usando as lentes de Bell Hooks, podemos obter uma compreensão mais profunda dos casos dos assassinos em série Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer. Esses casos, especialmente quando analisados à luz do conceito de subjetivação de Foucault, se tornam mais compreensíveis.

Como vimos, de acordo com Foucault, o poder não é apenas uma força que se manifesta de cima para baixo, mas sim uma força que permeia todas as interações sociais e molda as identidades individuais. No sistema patriarcal dos Estados Unidos descrito por Hooks, o poder se manifesta por meio da imposição de normas e comportamentos de gênero que fortalecem a dominação masculina e sustentam estruturas de opressão. Essas normas não apenas moldam como as mulheres, pessoas LGBTQIA+ e negras são tratadas, mas também impõe padrões perigosos que fomentam a violência e a alienação, moldando a construção das identidades masculinas.

Podemos entender como os casos de Bundy, Gacy e Dahmer foram moldados e submetidos pelo poder patriarcal em sua formação psíquica ao aplicar a ideia de subjetivação foucaultiana. Suas identidades foram construídas a partir desse sistema de poder em conformidade com normas de masculinidade tóxica e dominante que valorizam a agressividade, a dominação e a supressão das emoções e fragilidades. Esta internalização das normas patriarcais levou a uma identidade distorcida e alienada, que alimentou suas psicopatologias.

Além disso, a análise lacaniana enfatiza a relação entre os mecanismos de subjetivação e a função do Outro na constituição do sujeito, o que complementa essa compreensão. O Outro em um contexto patriarcal é construído pelas normas de gênero e poder, que têm um impacto significativo na identidade do sujeito. Assim, na sociedade patriarcal, a distorção da figura do Outro pode levar a uma sensação de alienação e desamparo que alimenta as psicopatologias.

Ao examinar a noção de subjetivação nos trabalhos de Foucault e os estudos de Hooks e Lacan, podemos obter uma melhor compreensão de como os casos de Bundy, Gacy e Dahmer foram influenciados pelo sistema patriarcal norte-americano, influenciando suas trajetórias de violência e psicopatologia por meio de dinâmicas de poder, identidade de gênero e formação psíquica.

Ainda assim, seus atos não podem e nem devem ser atribuídos apenas a seus estados mentais, mas também à convicção de que eles se sentiam à vontade para cometer tais atrocidades devido ao fato de estarem em uma posição privilegiada de homens brancos, heterossexuais, cisgêneros e de classe média, ainda considerados por muitos incapazes de cometer crimes tão brutais.

4.4 AS VÍTIMAS E OS ASSASSINOS

Nesta etapa do trabalho, faremos a ponte entre tudo que vimos até aqui sobre o sistema patriarcal norte-americano, os processos de subjetivação e o desenvolvimento das psicopatologias, conectando-os com os três casos estudados, especificamente abordando a escolha das vítimas de cada um dos assassinos, tendo como referência suas características físicas, idade, classe social e raça. Ficando assim, mais evidente a hipótese que postulamos desde o início.

Gacy, responsável pela morte de 33 homens, menores e adultos, gays e bissexuais, em sua maioria garotos de programa. Foi reprimido por seus pais durante a infância, submetido a situações de humilhação e impedido de explorar seus desejos e curiosidades durante a etapa do desenvolvimento sexual. Segundo diagnósticos, apresentava traços de transtorno de personalidade anti social, esquizofrenia paranóica, incapacidade de sentir empatia pelos outros, seguido de traços de narcisismo e transtorno do tipo Borderline. Seus crimes se caracterizam pela presença da tortura e estupro de suas vítimas, sentia prazer em provocar medo e desespero nos rapazes antes de mata-los, sentia profunda repulsa pela sexualidade dos garotos e se recusava identificar-se como um homem gay ou bissexual. Após assassiná-los, Gacy os enterrava no porão ou garagem da casa, segundo fontes, seu pai passava a maior parte do tempo no porão durante sua infância, lugar onde Gacy não tinha acesso sob hipótese alguma.

Dahmer, homem jovem e branco, responsável pela morte de 16 pessoas, todos homens com idades entre 14 e 31 anos, a maioria gays, com excessão das vitimas menores de idade que por serem oriundos de famílias de imigrantes, aceitaram a proposta apenas por sua situação economica, suas vítimas eram majoritariamente negros e periféricos, moradores de bairros pobres com pouco interesse por parte do Estado de promover segurança ou melhores condições de vida. Pessoas cujo a polícia não fazia questão de investigar o desaparecimento, o que o ajudou a seguir durante anos com seus crimes, mesmo apesar de haver sido preso em outras ocasiões. Durante a infância, teve de lidar com a ausência do pai e da mãe por motivos diferentes. O pai focado apenas na própria carreira, negligenciava os cuidados da casa e dos filhos, a mãe, sofrendo com depressão e tendo de suprir as expectativas sociais de uma esposa, tampouco conseguia dar atenção aos filhos. De acordo com diagnósticos, Dahmer sofria de transtorno de personalidade Borderline, transtorno de personalidade esquizotípica e transtorno psicótico, além de transtorno de identidade sexual. Seus crimes se caracterizam

também pela necessidade de infligir medo, praticava necrofilia e canibalismo, além de fotografar os cadáveres em seu quarto e guardar os retratos, Dahmer desmembrava suas vítimas e guardava partes que possuía algum tipo de significado para ele, coração, genitálias e afins. As demais partes, submergia em um latão contendo ácido até a pele se desprender dos ossos, mantendo-os para si.

Ao ingerir as vítimas, Dahmer tenta demonstrar seu poder absoluto, prendendo-a dentro de si, como se ela não pudesse mais sair. Isso pode estar relacionado ao abandono que ele experimentou, bem como à falta de aceitação devido à sua sexualidade, tendo seu comportamento considerado anormal pelas pessoas ao seu entorno. Devido a essa ausência, o apego extremo pode se manifestar como um desejo sexual através de fantasias e apesar de ser homossexual, ele não concordava com sua orientação sexual, bem como suas necessidades relacionadas. Utilizava-se disto para atrair homens para sua casa, dopando e matando-os com o desejo de dominar os outros e a si mesmo.

Ted Bundy, responsável pela morte de mais de 100 mulheres, jovens e graduandas, seus crimes se caracterizam pelo sequestro, tortura, estupro e assassinato de suas vítimas. Quando criança não experimentou nenhum trauma relacionado a sua sexualidade, tendo se desenvolvido como homem hetero e cisgenero, apesar disso, seus alvos foram todas mulheres. Segundo diagnósticos, Bundy foi descrito como sofrendo de personalidade narcisista. O caso de Bundy pode ser melhor compreendido com o auxílio da Dra. Diana York Blaine, especialista e diretora do Departamento de Graduação em Gênero e Sexualidade da Universidade do Sul da Califórnia. Em uma entrevista à revista "Oxygen", ela apontou que Bundy era impulsionado por uma necessidade de possuir e subjugar um certo símbolo, assim como uma pessoa real. Em um contexto onde a branquitude é a categoria racial privilegiada e as mulheres agora têm acesso a oportunidades educacionais e profissionais outrora reservadas apenas aos homens, essas mulheres representavam rivais potenciais ao seu poder. Ao dominá-las, Bundy buscava não só controlar o conceito ameaçador da figura materna que antes o controlava, mas também afirmar seu papel como o sexo privilegiado e mais poderoso, apesar das limitações e mortalidade inerentes à humanidade. ("Was Ted Bundy A Misogynist?", 2019).

Blaine acrescentou que nos Estados Unidos, as mulheres são frequentemente percebidas como objetos, independentemente de serem valorizadas ou degradadas. Essa visão possibilita que os homens alcancem uma sensação de poder sobre a única ameaça real à sua masculinidade - uma mulher com um status igual ou superior ao deles. O sentimento de inferioridade de Ted Bundy não o levava apenas a buscar relacionamentos com mulheres, mas

também destruí-las, como uma forma de reafirmar sua identidade. Quanto à aparente contradição entre o amor e a violência de Bundy em relação às mulheres, Blaine explicou que isso reflete uma crença cultural arraigada de que apenas certas mulheres merecem o amor dos homens, transcendendo assim a categorização estigmatizada imposta sobre a "mulher". (“Was Ted Bundy A Misogynist?”, 2019).

Para aqueles homens que veem as mulheres dessa maneira, existe sempre o medo latente de que a "boa" mulher se torne "má". Assim, a misoginia está enraizada no sistema. Essa dualidade de amar e destruir sugere a fragilidade da masculinidade normativa. Se essa masculinidade é baseada na inferioridade da "mulher", até mesmo aquelas mulheres que conseguem alcançar um status privilegiado representam uma ameaça à integridade masculina. No caso de Ted Bundy, essa ameaça foi confrontada pela destruição total de mulheres substitutas, que serviam como representações próximas das mulheres em sua vida, reforçando a terrível ideia da "mulher" como um objeto enigmático.

Podemos avaliar a escolha dos assassinos sobre suas vítimas como uma internalização do inimigo, rejeitando tudo aquilo que eles nunca puderam ser ou ter, tendo sua sexualidade negada, controlada ou reprimida durante o processo de subjetivação, dentro de um sistema racista e misógino, eles construíram alvos a serem combatidos, e amparados por esse mesmo sistema patriarcal misógino e racista que direciona esse alvo para grupos minoritários, viram a oportunidade de externalizar seus desejos reprimidos ao eliminar tudo aquilo que lhes foi ensinado que não fazia parte das identidades coerentes, aceitáveis ou humanas.

Tais comportamentos podem ser traduzidos como forma de tentar recuperar ou exercer um tipo de poder, sendo ele uma força dinâmica e onipresente que permeia todas as esferas da vida social, sendo tanto imanente quanto constitutivo das relações sociais, e não algo externo a elas (Foucault 1988). Esses crimes claramente se qualificam como uma das várias formas de exercício de poder, pois vitimiza grupos marginalizados, subjuga e desumaniza pessoas racializadas. Dessa forma, esses casos evidenciam como esses dispositivos de poder podem ser encontrados de maneira dispersa em todo o corpo social, ligando-se a relações de trabalho - como por exemplo quando Gacy utilizava sua posição de empresário oferecendo empregos para atrair suas vítimas - instituições, estruturas familiares e diversas práticas cotidianas. Eles não se limitam a uma estrutura institucional fixa, mas são parte integrante das dinâmicas sociais e das interações interpessoais, influenciando a produção de subjetividades e moldando as formas de vida dos indivíduos (Foucault, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar então que os processos de subjetivação existentes dentro do sistema patriarcal envolvem exercícios de poder que podem ser caracterizados pela repressão sexual e controle dos corpos através de dispositivos de gênero, e que também foram estruturados desde o início como um dispositivo de poder e utilizados pelo patriarcado com fins políticos, de dominação e governança. Sendo assim, não podemos desconsiderar seus efeitos na psique humana, já que como seres sociais, nossas relações estão condicionadas à construções neuropsicológicas baseadas em nossas experiências com nosso meio, envolvendo família, amigos e até mesmo desconhecidos.

Esse processo, por consequência, afeta diretamente a nossa saúde mental, sendo a repressão um dispositivo de poder que funciona como uma condenação ao desaparecimento, tanto quanto uma injunção ao silêncio, afirmando a inexistência e conseqüentemente a impossibilidade do sujeito de se expressar, ver e saber (Foucault, 1988). Essa repressão passa então a ser um evento estressor na vida do sujeito, levando-o ao adoecimento mental e posteriormente, em alguns casos, ao ato criminoso.

A partir dessa constatação, fica mais fácil para nós enxergarmos o motivo pelo qual a repressão sexual e o controle dos corpos pode ocasionar, em muitas pessoas, uma ruptura com a realidade e com o meio ao qual ela está inserida, ou seja, o desaparecimento, o silenciamento e a proibição da sua existência através de sua sexualidade e ou forma de se enxergar, pode causar um processo de sofrimento psíquico onde o indivíduo, na tentativa de estabelecer uma conexão com o mundo, buscaria de diversas maneiras uma forma de possuir controle sobre si e sobre os outros.

O fenômeno dos assassinos em série, em especial os que estudamos nesta pesquisa, nos ajuda a confirmar a afirmação acima, já que os três foram diagnosticados com pelo menos dois tipos de transtornos psíquicos. Transtorno de Personalidade Borderline, Transtorno de Personalidade Esquizotípica, Transtorno Psicótico, Narcisismo, Psicopatia, entre outros. É importante ressaltar que os processos de *subjetivação* (Foucault, 1988) se iniciam desde muito cedo na mente humana, sendo assim, a repressão sexual que acontece na infância, em decorrência dos dispositivos de gênero imposta pelo sistema patriarcal, influencia diretamente na construção dos saberes de si e do mundo.

Como explica Foucault (1988) “As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdité-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar

os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado”. Esse silêncio, além de impedir a compreensão do indivíduo sobre si mesmo e sobre os que o cercam, pode, ao decorrer do processo de subjetivação, produzir sofrimentos psíquicos e acarretar em distúrbios futuramente, caracterizando os processos de produção de sofrimento psíquico um fenômeno coletivo, portanto, de responsabilidade social.

É possível perceber a complexidade e inter-relação dos temas abordados, desde a análise dos processos de subjetivação até a influência dos dispositivos de gênero e do sistema patriarcal no desenvolvimento das psicopatologias, culminando na escolha das vítimas pelos assassinos em série Ted Bundy, John Wayne Gacy e Jeffrey Dahmer.

A pesquisa mostrou que, embora esses indivíduos recebam diagnósticos que indicam sinais de uma variedade de psicopatologias, é importante considerar o ambiente em que cresceram e os dispositivos de poder que moldaram suas identidades e percepções do mundo.

O sistema patriarcal norte-americano, incluindo suas estruturas de poder e normas de gênero, teve um impacto significativo na formação mental desses homens. Impactando diretamente no desenvolvimento de transtornos mentais e na escolha de suas vítimas.

Os objetivos específicos da pesquisa permitiram uma análise detalhada de cada componente importante para entender o fenômeno estudado. Cada objetivo contribuiu para uma abordagem abrangente e estruturada do tema, desde a descrição da estrutura do sistema patriarcal até a descrição dos mecanismos de desenvolvimento das psicopatologias.

A hipótese principal da pesquisa foi confirmada ao longo do estudo: a repressão sexual e de gênero imposta pelo sistema patriarcal pode levar a transtornos psicopatológicos e ao direcionamento da escolha das vítimas por parte das pessoas influenciadas por esses dispositivos de poder. Uma melhor compreensão das dinâmicas psíquicas e sociais presentes nos casos estudados pode ser alcançada por meio da aplicação da teoria lacaniana e foucaultiana.

A escolha das vítimas de Bundy, Gacy e Dahmer mostra como esses homens internalizaram os padrões patriarcais e usaram sua violência contra grupos marginalizados, buscando afirmar seu poder e dominância em um ambiente de rivalidade e competição.

A misoginia, o racismo e a homofobia demonstraram ser fatores fundamentais na escolha de suas vítimas, refletindo as estruturas de poder presentes na sociedade dos Estados Unidos.

Portanto, os casos estudados mostram a complexidade das psicopatologias individuais e como os contextos sociais e culturais afetam a formação das identidades e comportamentos humanos. Quando examinado a partir do ponto de vista dos dispositivos de poder e dos

processos de subjetivação, o fenômeno dos assassinos em série mostra as conexões entre o indivíduo e a sociedade e enfatiza a responsabilidade coletiva de evitar o sofrimento mental e violência.

A partir desta pesquisa, é possível imaginar e sugerir diversas possibilidades de futuros estudos que possam agregar mais conhecimento e maneiras de prevenir determinados fenômenos, como os que abordamos aqui, sendo eles: o impacto do sistema patriarcal na saúde mental: Uma análise mais aprofundada do impacto dos dispositivos de gênero e do sistema patriarcal na saúde mental das pessoas, especialmente em relação à repressão sexual e ao controle dos corpos; O desenvolvimento de psicopatologias, explorando os mecanismos pelos quais os processos de subjetivação influenciam o desenvolvimento de transtornos mentais, especialmente em indivíduos expostos à repressão sexual e de gênero desde a infância; Análise de casos de assassinos em série, abordando melhor casos específicos de assassinos em série para entender como suas experiências de vida, influências sociais e contextos culturais moldaram suas identidades e comportamentos, principalmente levando em consideração aspectos como misoginia, racismo e homofobia e também, estudos sobre a responsabilidade social na prevenção do sofrimento mental e da violência, investigando sobre a responsabilidade coletiva na prevenção do sofrimento mental e da violência, considerando as estruturas de poder presentes na sociedade e como elas afetam a formação das identidades e comportamentos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PRECIADO, Paul B. **Yo soy el monstruo que os habla: Informe para una academia de psicoanalistas.** 1 ed. Anagrama. Barcelona, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Cartografias Queer: O Flanêur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle.** Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Tradução Luiza Sellera. Cultrix. São Paulo, 2019. Título original: The creation of patriarchy.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1988. Do original em francês: Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir

LACAN, Jacques. **O seminário : livro 3: as psicoses.** Rio De Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

NEWTON, Michael. **A enciclopédia de serial killers.** Tradução: Ana Lúcia Mantovani Ferreira. 2 ed. Madras. São Paulo, 2008. Título original: The encyclopedia of serial killers.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho.** São Paulo: Ed. Moderna, 1992.

HOOKS, Bell. **Feminism Is for Everybody.** Cambridge, MA: South End Press, 2000.

HOOKS, Bell. **Teoría feminista : De los márgenes al centro.** Madrid: Traficantes De Sueños, 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação.** [s.l.] Editora Elefante, 2019.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** Comunicação & Cultura, n. 1, 2006, pp. 21-35

PALERMO, George B. **Narcissism, Sadism, and Loneliness: The Case of Serial Killer**

Jeffrey Dahmer. In: KOCSIS, R. N. (Ed.). *Serial Murder and the Psychology of Violent Crimes*. Totowa, NJ: Humana Press, 2007. p. 85–98.

RAMSLAND, Katherine. **The many sides of Ted Bundy.** *The Forensic Examiner*, v. 22, n. 3, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero : Feminismo e Subversão Da Identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

WILLIAMS, D. J. **Is Serial Sexual Homicide a Compulsion, Deviant Leisure, or Both? Revisiting the Case of Ted Bundy.** *Leisure Sciences*, v. 42, n. 2, p. 1–19, 28 mar. 2019

Was Ted Bundy A Misogynist? Disponível em:

<<https://www.oxygen.com/martinis-murder/what-was-ted-bundy-attitude-toward-women-like>>. Acesso em: 20 abril de 2024.

FRANTZ FANON. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MEYER, I. H. **Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence.** *Psychological Bulletin*, v. 129, n. 5, p. 674–697, set. 2003.